

A BARATA

contado por
Yan Marchand

DE

MARTIN ilustrado por
Matthias Arégui

HEIDEGGER



martins fontes
selo martins



Martin Heidegger (1889 – 1976)

Não é sem apreensão que entendo o passo de Heidegger. Aquele cujo nome por si só é um mito vive há anos entrincheirado no silêncio. Ele entra. Seu aspecto surpreende. De baixa estatura, em traje típico nacional cinza-verde com as lapelas bordadas, veste bermudas.

Seu aspecto de camponês endomingado e um pouco atarracado me desconcerta. Cabelos prateados, olhos pretos, olhar penetrante, parece cansado. Nas faces cavadas de seu rosto percebe-se certa tristeza, eu diria algo de trágico...

Frédéric de Towarnicki, *O caminho de Zähringen*, 1993

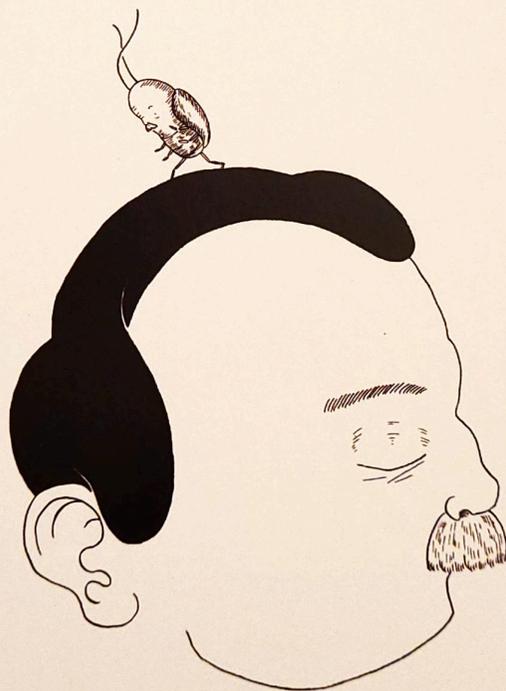


A barata de Martin Heidegger

A barata de Martin Heidegger

contado por
Yan Marchand

ilustrado por
Matthias Arégui



Tradução
André Telles

martins fontes
selo martins





Martin arrastava sua carapaça pelo cemitério de Messkirch feito uma alma penada. Ele era assim desde que nasceu. Perguntava-se o que fazia no mundo e, sobretudo, por que havia sido jogado nele se iria morrer um dia; perguntava-se também por que as coisas existem, uma vez que iriam desaparecer. Perguntava-se até mesmo por que se fazia todas essas perguntas... Dizem que as baratas, como todos os outros animais, não conseguem pensar a própria morte, limitando-se a perecer, assim como as flores se limitam a murchar. Não era o caso do nosso pobre Martin!

Quando anoitecia e as coisas que lhe eram familiares se diluíam na escuridão, quando tudo se tornava silencioso, pesado e estranho, quando desapareciam a cômoda, a cama e a mesinha de cabeceira do seu quarto, ele se sentia sozinho, terrivelmente sozinho. Então, gemia:

– Mas o que estou fazendo aqui?

Desde que era uma baratinha, assustava-se com a possibilidade de morrer. Imaginava monstros debaixo da cama, tempestades fabulosas, pelava-se de medo, depois escondia a cabeça sob o cobertor e chamava os pais. Pronto, o problema estava resolvido... até a noite seguinte. Pois, se os monstros desapareciam, o mesmo não se dava com a possibilidade de morrer... Agora que não era mais criança, ele já não cobria mais a cabeça com o cobertor. Tinha insônias terríveis: sentia em cada uma de suas fibras que estar aí, lançado no mundo, era uma aventura estranhíssima.

Daí em diante, não sentia mais medo, sentia angústia.





Certa manhã de inverno, após uma noite particularmente sofrida, Martin caminhava pelo cemitério. O caracol Epicuro, seu conhecido, passou por acaso:

- Que cara, Martin! Aconteceu alguma tragédia?

- A pior das tragédias, meu bom Epicuro: nasci e vou morrer.

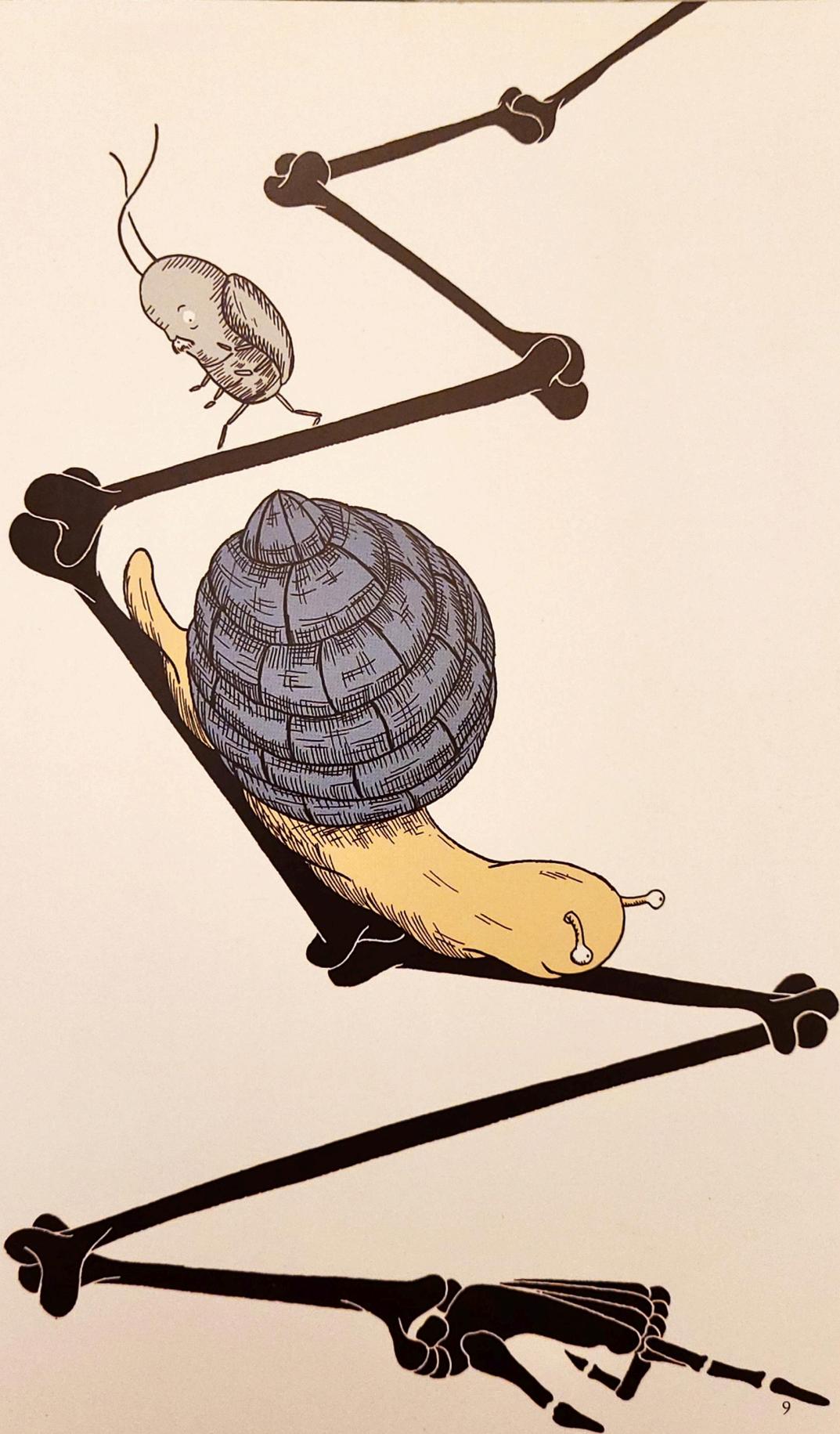
- Você não muda! Em vez de ficar se remoendo, faça como eu: limite-se a traçar seu caminho!

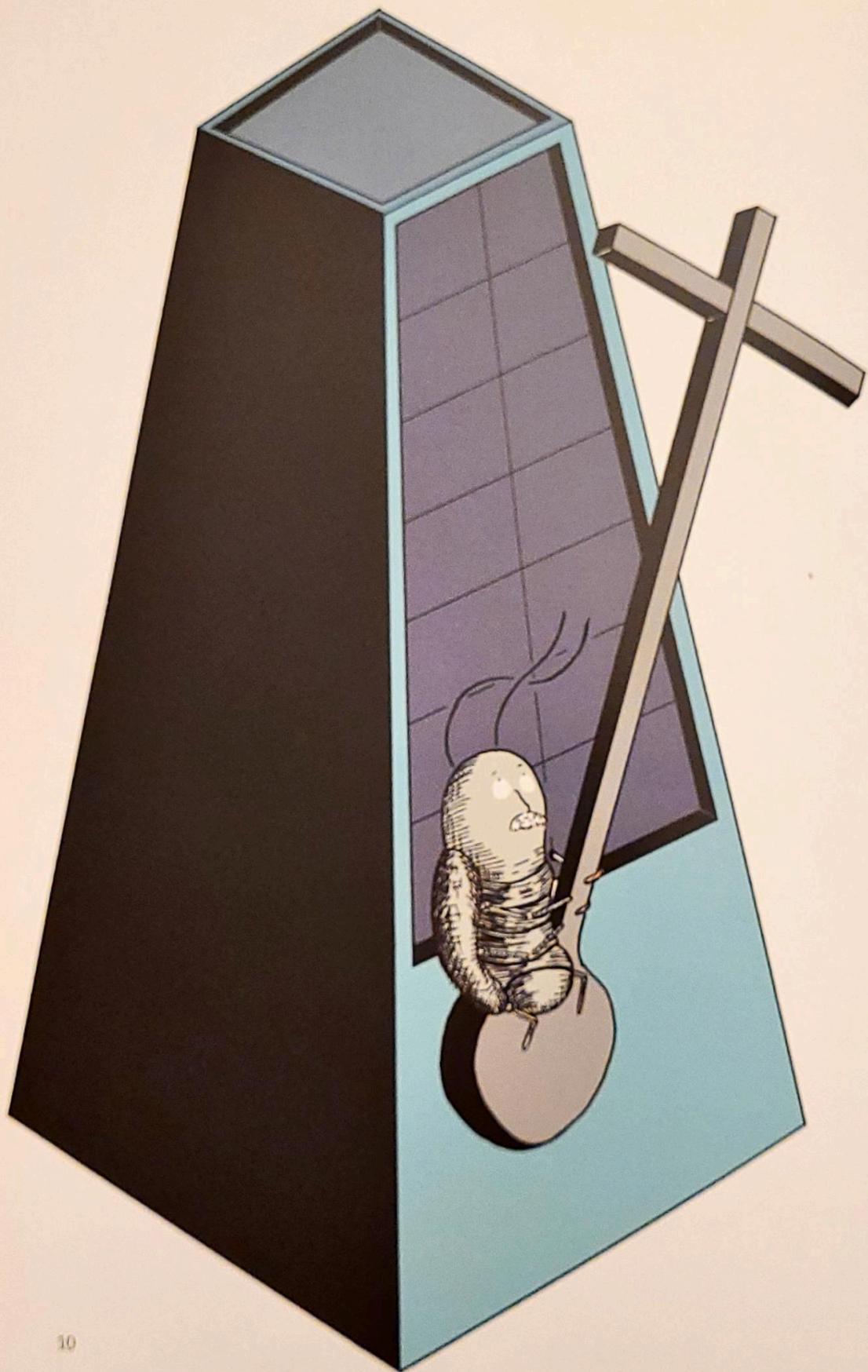
- Quem me dera ser indiferente, amigo, quem me dera poder imitá-lo...

- Nada mais fácil! Pense que, enquanto estivermos vivos, a morte não é assunto nosso e que, quando morrermos, não estaremos mais aqui para nos preocupar com ela. Logo, não fique nesse estado, todos morreremos um dia!

- A morte não é assunto nosso! Todos morreremos um dia! Não me venha com essa ladainha. Mas, se pensasse de verdade na morte, não diria isso - gemeu Martin.

- Oh, eu conheço a morte! E posso lhe garantir que já vi muitos cadáveres. Uma prima minha terminou a vida num aquário; outra, fervida; vários de meus parentes foram asfixiados por gases ou queimados, comidos por grilos ou aves... Eu mesmo vi meia dúzia de meus irmãos afogados em manteiga com alho! Na minha família, enterro é o que não falta! Por isso repito: todos morreremos um dia, e ninguém faz um escândalo!





- Morreremos, morreremos! - exclamou Martin. - Mas não somos NÓS que morreremos, serei eu! E não é "um dia", mas talvez amanhã, talvez agora. Eu e você vamos morrer e, enquanto eu falo, de certa maneira, caminhamos para a morte. Não estou falando de cadáveres esmigalhados por solas de sapatos ou numa pinça de *escargots*: isso é a morte dos outros. Também não estou falando da morte que cedo ou tarde golpeia a todos, e sim daquela que nos atormenta noite e dia intimamente e que sentimos a todo instante.

- Ora, Martin - disse Epicuro, sentindo-se estranhamente perturbado -, a morte não é nada!

- Não é nada? Pois isso não me tranquiliza nem um pouco, já que, no fundo, talvez a existência é que seja "nada". Está me entendendo?

- Ehh... claro, mas não quero pensar como você - admitiu Epicuro, guardando novamente a cabeça na concha. - Sou jovem! Tenho tempo...

- Em todo caso, assim que nasce, um caracol já é suficientemente velho para morrer. A maioria das pessoas se esquece disso e diz: "morre-se". Mas é uma fuga para a frente. "Morre-se": poderia ser eu ou qualquer outro, todo mundo e ninguém, a morrer. Entretanto, a morte está diluída em sua concha, em sua carapaça, na pele dos homens, em todos os que sabem que são mortais. Que criaturas estranhas somos nós, Epicuro! Estamos aqui, existimos, mas sabemos que haverá um fim.

- Não quero mais ouvi-lo falar! - choramingou Epicuro enfurnado em sua concha.

Pensativo, Martin prosseguiu seu sinistro passeio:

– Mas que tipo de ser eu sou? – murmurou.

De repente, ouviu um fio de voz:

– Estou aqui!

Surpreso, olhou em volta. Julgou perceber uma garotinha sentada sobre um túmulo, mas, ao se aproximar, viu que era uma boneca movida a pilha. Alguma criança devia tê-la esquecido por ali e a umidade causara um curto-circuito, pois o brinquedo repetia sem parar:

– Estou aqui... crrr... Estou aqui... crrr...

Martin se divertiu com a situação, pois a boneca, assim como ele, podia dizer “Estou aqui”. Nem por isso ele diria que a boneca fora posta no mundo e existia.

“O que sou”, pensou Martin, “comparado a essa coisa? Eu também posso dizer ‘Estou aqui’, como ela, e, no entanto, noto uma grande diferença. Quando diz ‘Estou aqui’, a boneca produz sons, palavras, mas ela não fala! Ela não sabe que está aqui e não sabe que vai desaparecer. Se soubesse, não ficaria desse jeito, como um pedaço de chumbo no fundo de um rio a esperar que o tempo a destrua! E, quando toca no túmulo, ela não sabe disso!”.



“Eu, em contrapartida, sei que há um túmulo, sei também para que ele serve, para quem ele é útil e quem o fez. Existir é isto: não ser simplesmente no mundo, projetado, como a lápide ou a boneca, mas ser aberto ao mundo e aos outros, participar de um ambiente comum... Ai de mim! Isso continua a não dizer o que faço aqui.”

Martin sentia a angústia fluir ainda mais intensa. Chegou a se perguntar o que, por sua vez, o mundo fazia aqui. Tudo o que estava presente se confundia diante de seus olhos e perdia o sentido: o cemitério, o céu, as árvores, ele mesmo, tudo parecia imundo. Fugia como um verme, desesperado, quando, no fundo do cemitério, próximo às roseiras, deparou com uma viúva ajoelhada diante de uma lápide:
- Ele era imenso! Ele era imenso! - ela repetia.

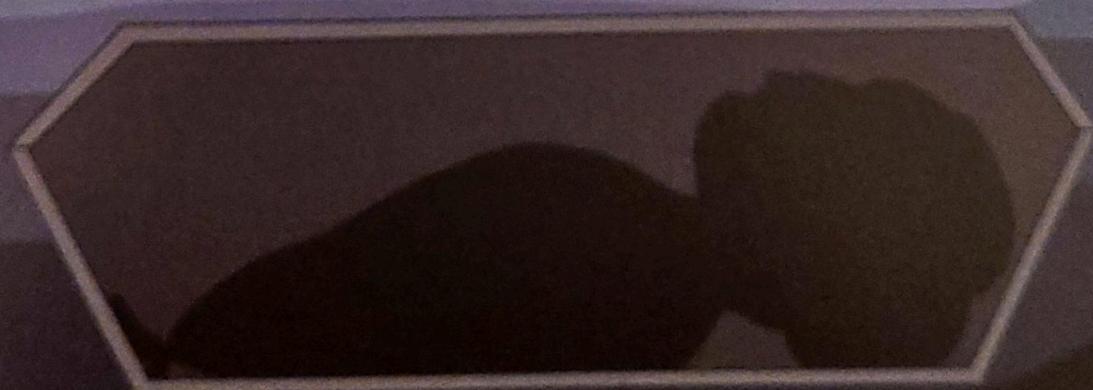
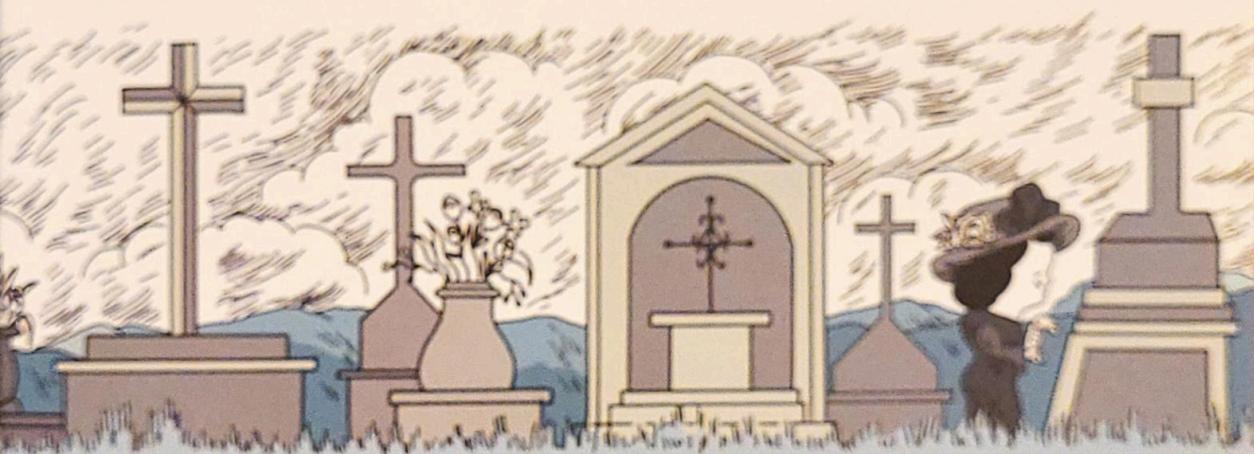


A barata, interessada, ruminou: "Puxa... um grande? Vou beliscar uma coisinha para arejar as ideias!".

A viúva pôs-se a ler um poema em homenagem à memória do marido:

- Ó Grécia bem-aventurada! Morada concedida aos Deuses...

A barata esfregou as patas: "Devia ser um homem culto! Os sábios têm sempre um gostinho doce delicioso, verdadeiros bombons, supermacios! Cadáver de primeira linha. Quem sabe enchendo a barriga eu não esvazio um pouco a cabeça!".



Martin esgueirou-se dentro do caixão, já esburacado pelos deslocamentos da terra... Que decepção! O homem não era imenso, mas minúsculo. Mas até que tinha uma barriguinha respeitável. A carne parecia no ponto. Observando o morto estendido sobre o cetim, a barata emitiu subitamente um pequeno gemido:

- E pensar que terminarei assim!

- Francamente - disse uma voz -, se eu soubesse que os insetos faziam tanto barulho, teria pedido para ser cremado. Aliás, normalmente você não deveria falar, tampouco eu... Ninguém ignora que os defuntos conservam, somente por um tempo, o hábito de falar.

- Sinto muito pelo incômodo, saberei ser discreto - respondeu Martin, com a voz ainda arrastada.

- Nada grave - resmungou o cadáver. - Mas o que há com o senhor, por que choraminga? Em geral, insetos e larvas entram aqui cantando, verdadeiras cigarras a caminho de um banquete. Não me acha apetitoso?

- Agradeço-lhe a oferta, mas não me sinto muito bem.

- Tenho horror a lamentações, vade-retro! Em que posso ajudá-lo? Os mortos não deixam de ter sabedoria, tempo para pensar é o que não falta.

- Eu me admiraria muito se você encontrasse uma solução para o meu problema, pois sou vítima do pior dos tormentos. Vou morrer. Ao mesmo tempo, não compreendo direito por que existo.

- Encontrou a pessoa certa! Tome nota: sou uma sumidade no assunto, uma montanha.



A barata observou o corpinho que se tomava por uma montanha:

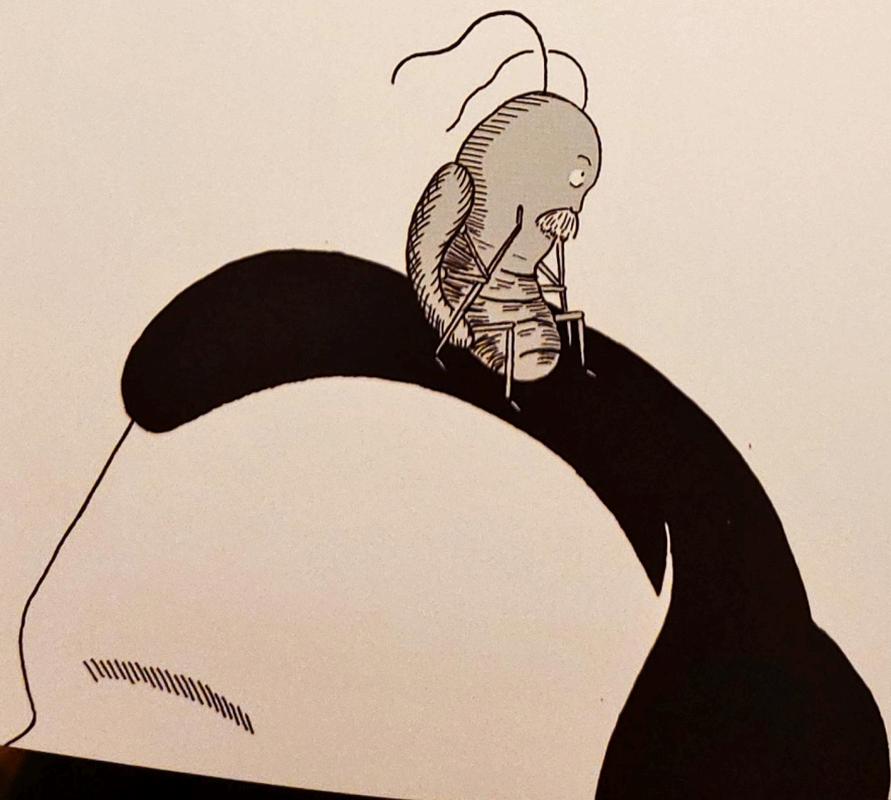
- E com que montanha tenho a honra de falar?

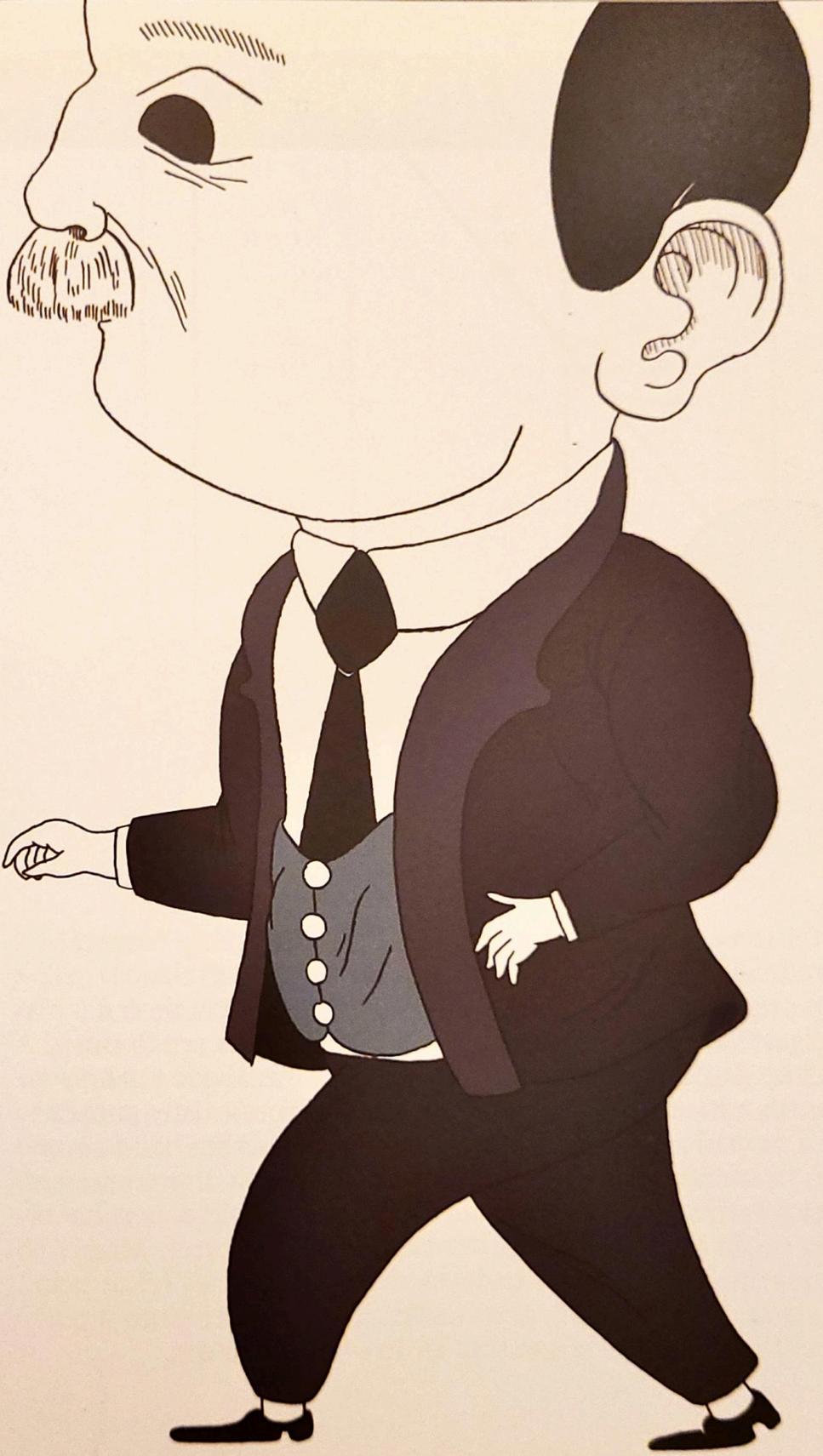
- Sou Heidegger. Hei-de-gger. Certamente já ouviu falar de mim... Filósofo... Professor... Autor de *Ser e tempo*...

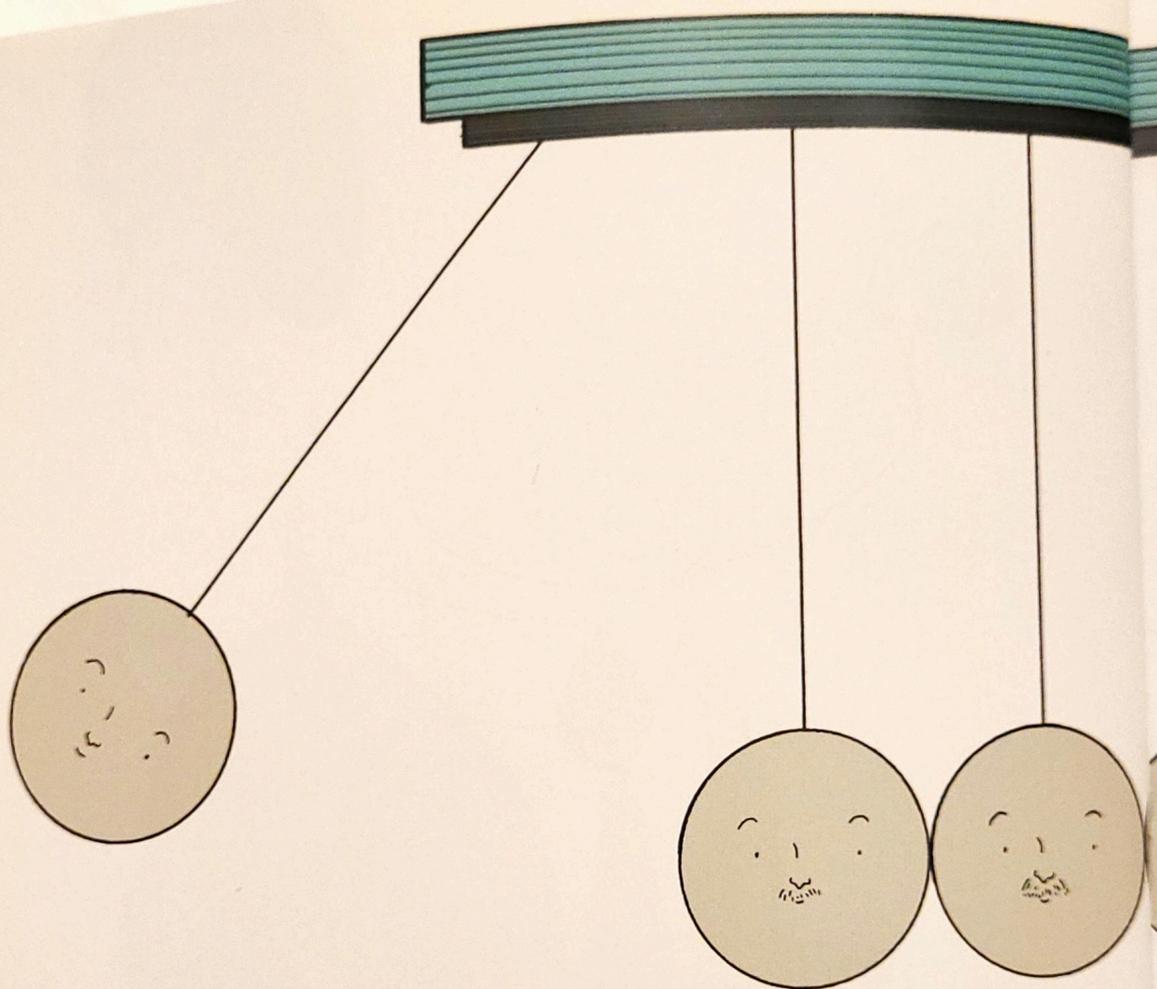
- *Cera e tênis*? nunca ouvi falar... Em todo caso, desafio qualquer um a descobrir um remédio para o meu tormento.

- Remédio!? Para que descobrir um remédio? Morrer é uma excelente notícia. No momento de sua morte, você estará absolutamente sozinho. Nem mesmo aquele que estender a mão para consolá-lo compartilhará essa experiência personalíssima. No derradeiro instante, sua solidão será inaudita! Sente isso? Acachapante, concorda? Quando penso sinceramente na minha morte, não na dos outros, mas na minha, sinto no mais fundo de mim que sou um ser único... Ninguém morrerá no MEU lugar.

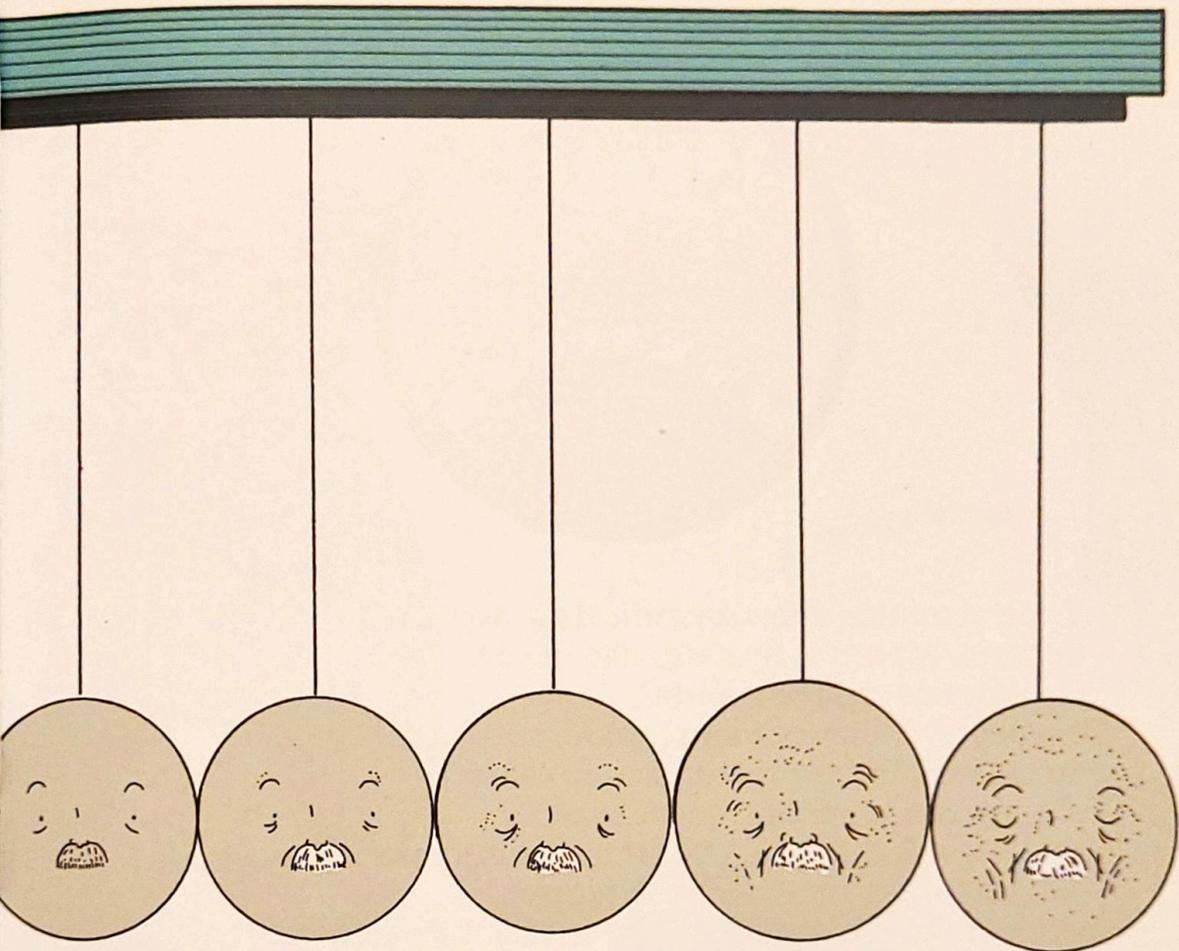
- Não vejo onde está a boa notícia.





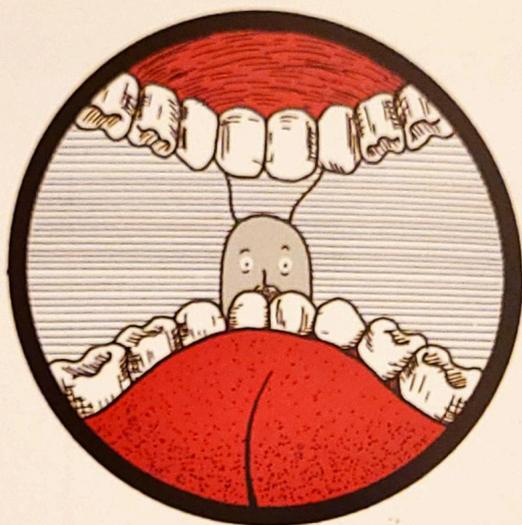


- Observe o meu caixão - prosseguiu Heidegger. - Ele está condenado a permanecer um caixão, está encurralado em seu modo de uso. Como não tem consciência de seu desgaste, está aqui sem procurar ser outra coisa senão um caixão destinado a conter um corpo. Ele é acabado em sua construção. Ao passo que o senhor, enquanto existir, nunca terá acabado. Só a morte pode consumá-lo. O senhor é como um fruto sempre à espera do amadurecimento. É por isso que está o tempo todo preocupado com algum projeto, porque não existe outro fim na existência a não ser morrer. Mas enquanto isso... é recomendável viver bem. Somos feitos pelo cuidado. Não sei o que devo fazer: simplesmente sinto o que devo fazer. Não sei o que sou: sinto o que devo ser.



- Mas ser o quê?

- Ser, só isso. O senhor tem uma existência a consumir. E não é a do vizinho, é a sua, e ninguém lhe dirá como agir. A barata foi percorrida por um calafrio. De maneira súbita, sentiu todo o peso de sua minúscula pessoa. Pela primeira vez, não pensava mais no dia de seu enterro, mas em tudo o que poderia fazer em seu caminho para a morte. Depois da náusea, veio uma espécie de vertigem. Então era isso a verdadeira angústia! Era menos morrer do que passar ao largo da vida.



- Estou absolutamente determinado a viver a MINHA vida - declarou Martin -, mas isso não me dita o que devo fazer. O senhor não teria uma pista?

De repente, o interrogador se calou, pois julgou ouvir um chamado vindo das profundezas do cadáver.

- Alguém chamou! Ora, quem fala?

- Passei a vida tentando lhe dar um nome, mas ficou na ponta da língua - respondeu Heidegger.

Martin enfiou a cabeça por entre os lábios do defunto:

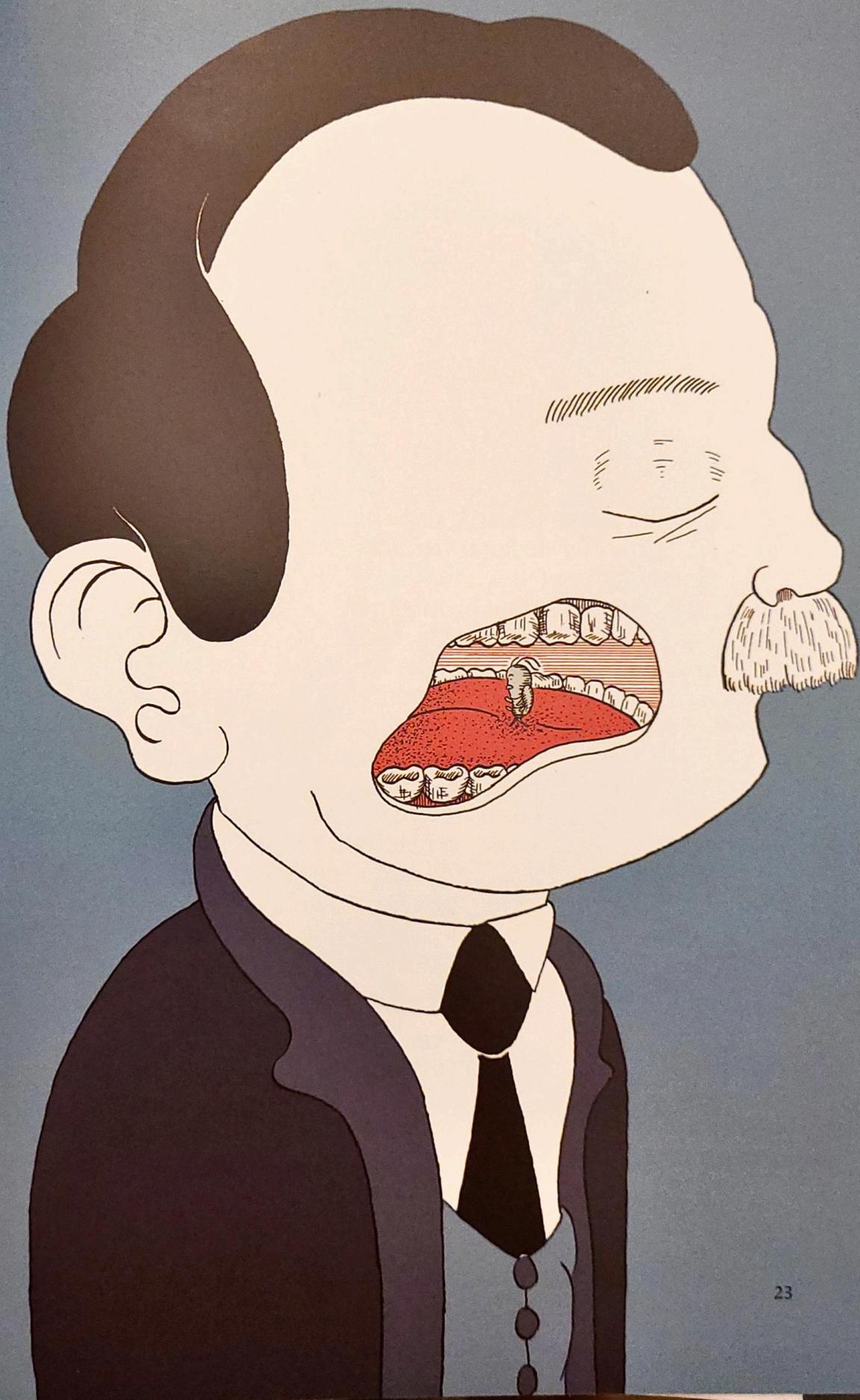
- Não enxergo nada!

- Efra um mobo de valar.

- Estou louco de vontade de dar uma olhada, o que acabo de ouvir é muito estranho. Aonde devo ir?

- A lugar nenhum - respondeu Heidegger.

Mas Martin não escutou a resposta do defunto e, devorado pela curiosidade, transpôs a barreira dos dentes. Seria realmente um chamado? Não saberia dizer, pois, pensando bem, não ouvira som algum, tratava-se de uma impressão, uma espécie de convocação silenciosa.



Ao descer pelo esôfago, cruzou com uma formiga. Aparentemente tranquila, ela avançou com um capinzinho no ombro.

- Foi você que chamou? - perguntou Martin.

- Não, não abri a boca. O que faz por aqui?

- Não sei direito, procuro alguém ou alguma coisa, então vim dar uma espiada. Comerei no caminho, talvez a cada centímetro. Bonito isso aqui - comentou Martin, observando à sua volta -, esplêndida garganta.

- Ninguém pode sonhar com outra melhor. Estou no meu lugar.

Martin estava empolgadíssimo. A formiga se sentia em seu lugar!

"Como ela faz?", ele pensou, sempre às voltas com a sensação de não ser de lugar nenhum.

- Como você parece feliz...

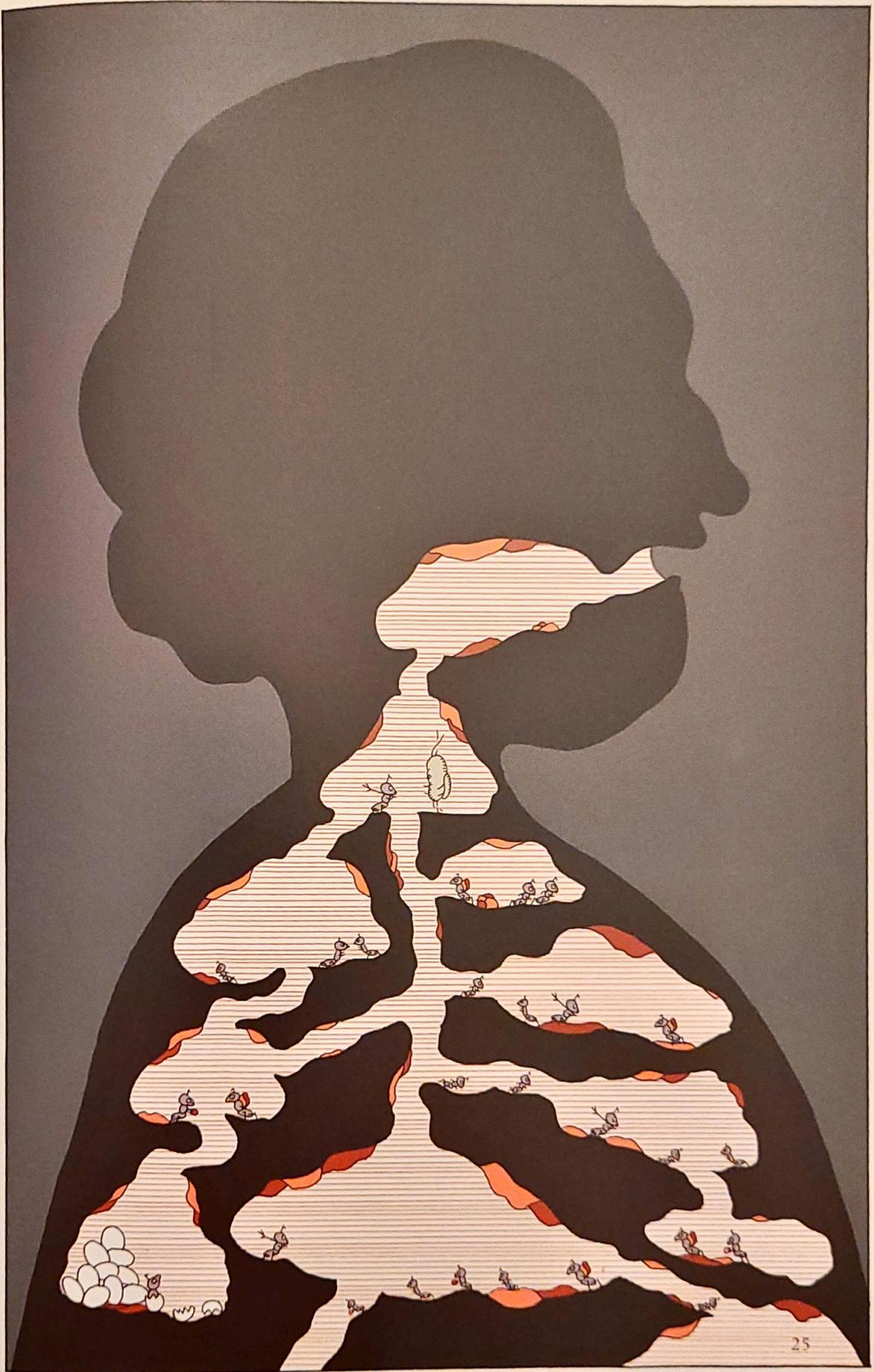
- Na medida em que uma formiga pode sê-lo. Mas sou operária: acordo, faço a colheita, escavo galerias, sou útil ao formigueiro. Durante esse tempo, os soldados protegem as reservas, a rainha governa e dá à luz soldados e operárias. Sou útil aos outros, as outras formigas são úteis a mim, o que mais você quer? Uma verdadeira linha de montagem. Não é assim entre as baratas?

- Oh, não, fazemos mais o tipo solitário. Também temos uma colônia, mas cada um só pensa na própria carapaça. Martin pensou que ser formiga não parecia nada mau.

- Sabe se há algum trabalho para mim no seu formigueiro?

- perguntou.

- Vou consultar a Rainha. Mas siga-me, sempre necessitamos de patas.



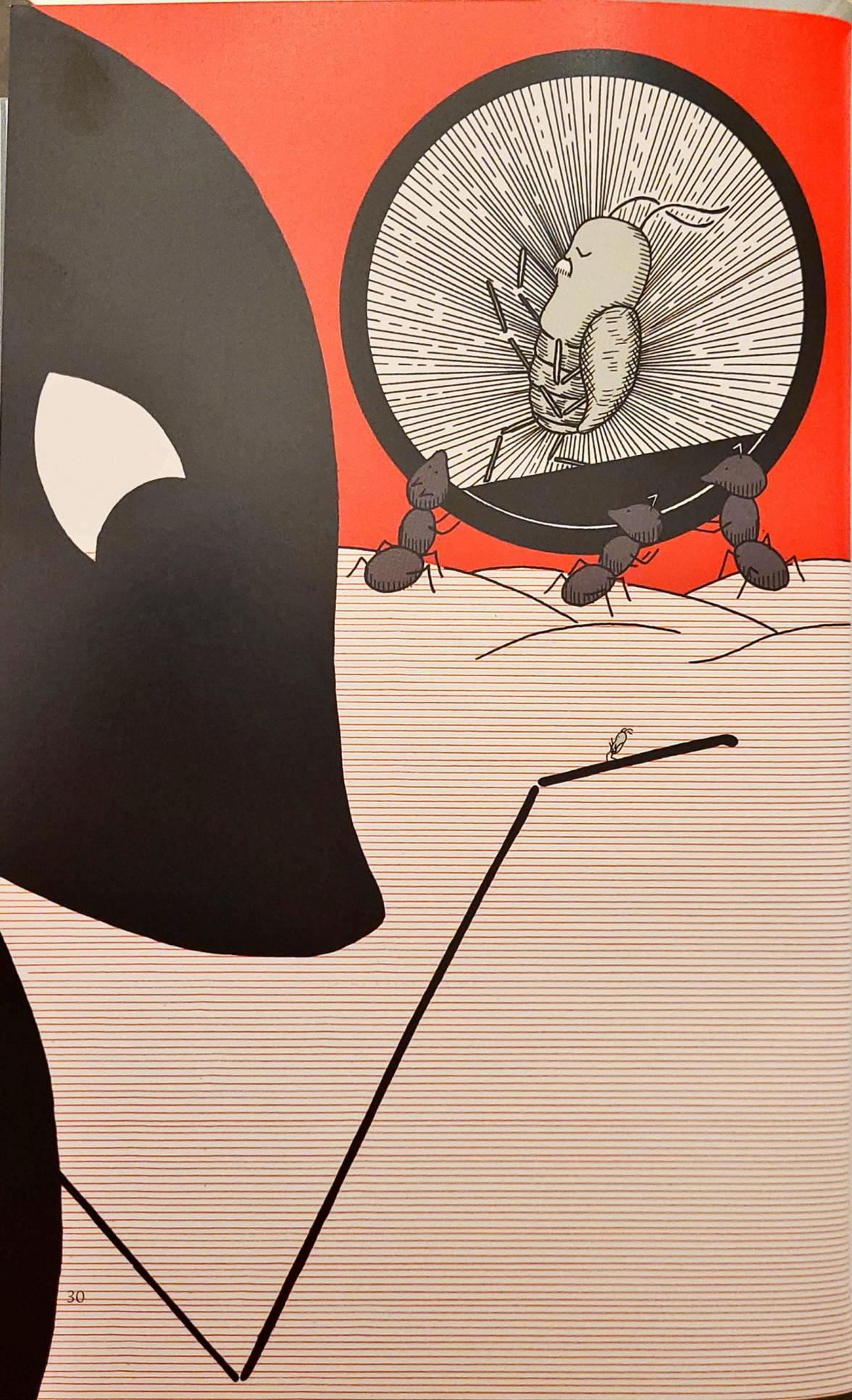


Silêncio absoluto! A Rainha pôs-se a berrar feito louca! Que energia! Martin estava intrigado.

– Temos um inimigo – começou a Rainha, batendo as patas no palanque. – Isso é público e notório! Antes, morria-se de fome. Éramos obrigadas a baixar a cabeça, mas hoje conhecemos as responsáveis por nossa desgraça: as formigas vermelhas! Ninguém ignora o que corre por aí a respeito delas, e isso é só um pingo da verdade! Dizem que elas estão em toda parte e trabalham para nos destruir. Mas a quem pertence o corpo de Heidegger? A elas ou a nós?

Todas as formigas aplaudiram e aclamaram sua Rainha. Todas comentavam que ela tinha razão: de fato corriam todos esses boatos acerca das formigas vermelhas.

– Devemos empregar toda a nossa energia para fazê-las recuar! – berrou a Rainha ainda mais exaltada, os olhos quase saltando para fora da cabeça. – E todo o nosso mundo, até o último fiapo de palha, deve servir à pátria! A carne dos outros insetos só faz sentido como ração do soldado! Nossas operárias servem à pátria concebendo instrumentos de guerra, eu mesma sirvo à pátria produzindo não filhos, mas patriotas. Temos a obrigação de nos unir como um só corpo se não quisermos ser escravizadas por subinsetos!



Subitamente, a Rainha se calou e, da sacada, apontou para Martin:

- Ora, o que vejo... uma visita! O que faz por aqui?

- Ehh... prestava atenção na senhora. Gostaria muito de trabalhar para vocês!

- Hum... seja franco, o que pensa das formigas vermelhas?

- O que todo mundo pensa!

Todas as formigas aplaudiram!

- Até mesmo as baratas, cuja grande sabedoria é inquestionável, concordam conosco! Morte às vermelhas! - conclamou a Rainha.

Martin sentiu-se arrastado pelo arroubo da multidão. Estava contente de ser considerado um sábio. E como ser sábio equivale a dizer o que os outros querem ouvir, ele pôs-se a gritar: "Abaixo as formigas vermelhas! Viva as carapaças marrons!". Foi ovacionado.

Então, para ser bem-visto, exagerou um pouco. Falou que as formigas vermelhas não eram solidárias e que esse era o seu menor defeito. Pelo menos, era o que diziam. A Rainha, exultando por conquistar um novo aliado, ordenou que lhe oferecessem um posto no Grande Dispositivo.

Um reconhecimento, um trabalho, um povo, uma pátria! Martin não cabia em si de alegria. Tinha finalmente um lugar no mundo. Sabia agora o que deveria ser, uma formiga, e o que deveria fazer, servir ao formigueiro. Enquanto Martin gritava e estendia os braços junto com a turba, pela primeira vez na sua existência parecia se divertir. Como era bom pertencer à massa, sentir-se útil, esquecer o resto e não padecer mais os tormentos da angústia!

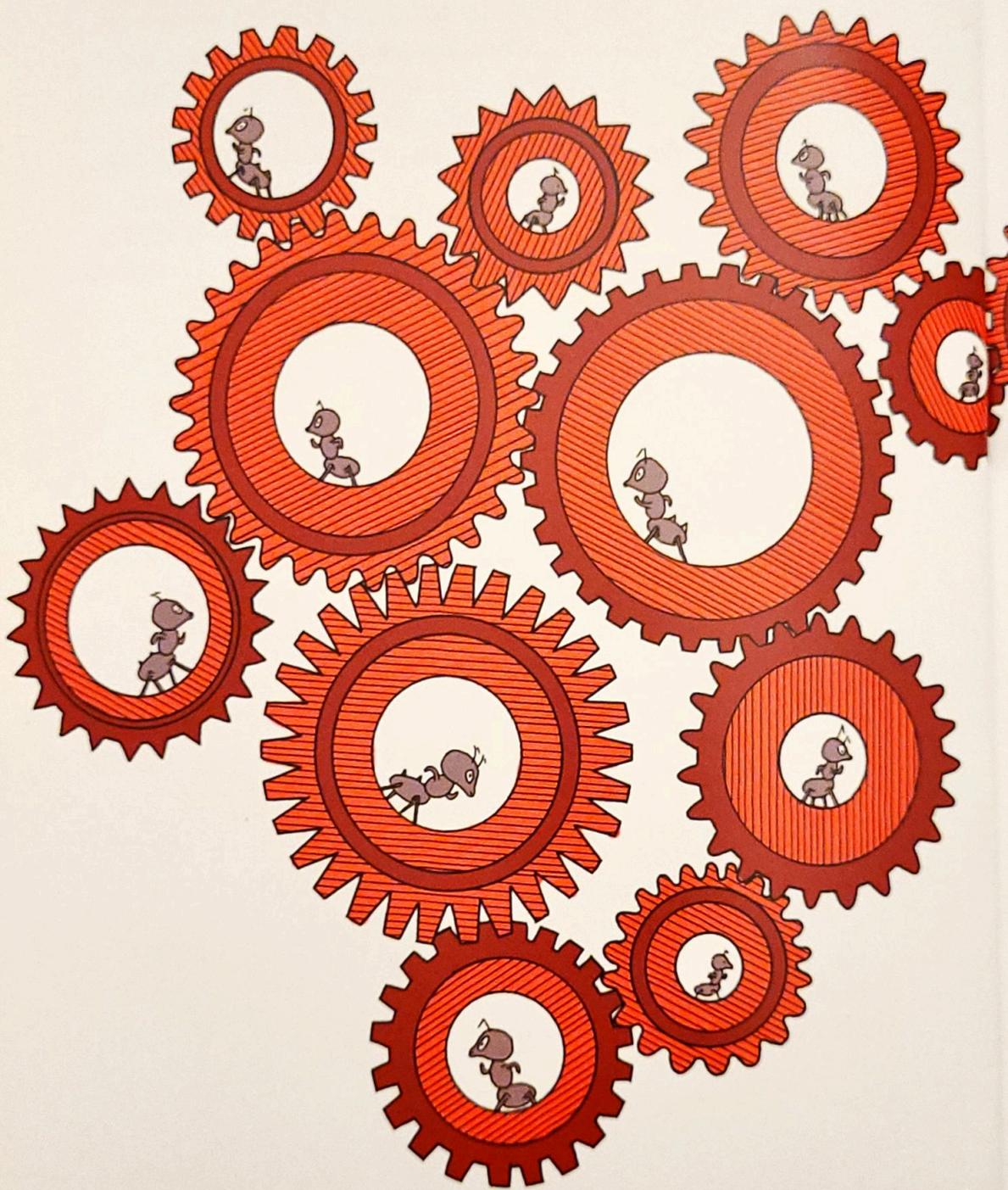
Martin estava deslumbrado! Foi conduzido rumo ao Grande Dispositivo. Com que impaciência se pôs a trotar! Intimamente, perguntava-se que diabos seria aquilo. Num plano abaixo, os sucos estomacais corriam em caudais fervilhantes. Na superfície, ainda boiavam alguns alimentos que o finado não tivera tempo de digerir. O lugar até que era agradável. Fazia um clima ameno. Contudo, à medida que ele avançava, o barulho ia aumentando até ficar ensurdecedor: patas retinindo, carapaças colidindo, mandíbulas rasgando. Um batalhão inteiro de formigas pegava pesado! Uma verdadeira fábrica, cujo ventre roncava como o de um monstro descomunal, havia sido instalada.

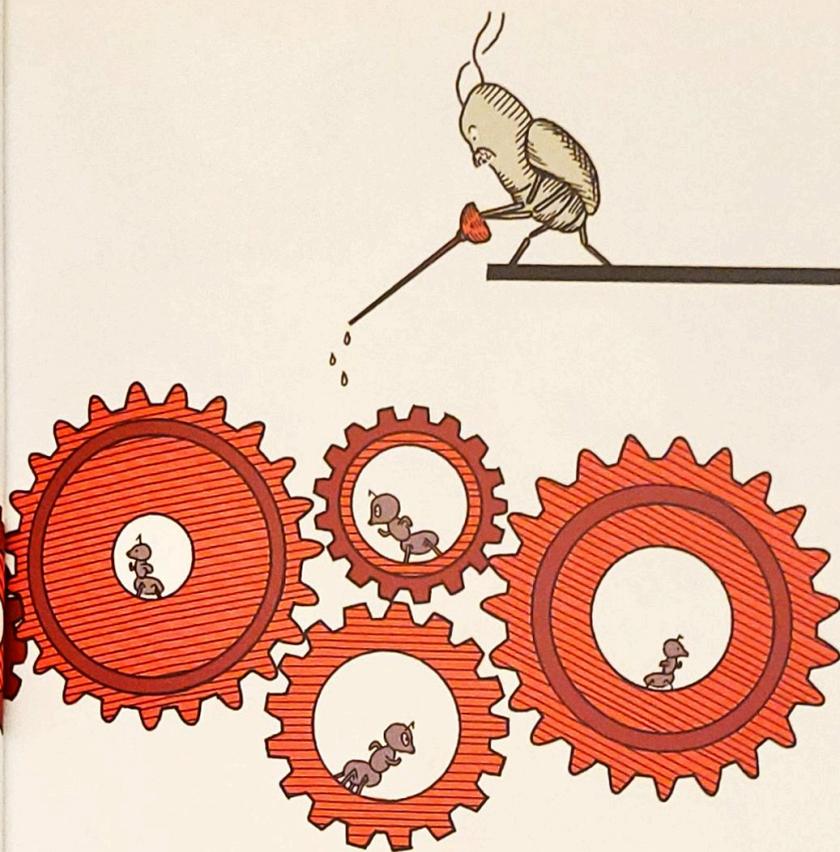


Ei-lo diante do Grande Dispositivo. Era frio e retilíneo. A força das águas estomacais acionava uma imensa roda. Uma correia era puxada. Ancinhos raspavam a carne de Heidegger e seu conteúdo era depositado em cestos de vime. O cadáver era fatiado e estocado em pedacinhos. Cortava-se, esmagava-se, arrastava-se, empilhava-se, distribuía-se e tudo recomeçava do ponto de partida. As engrenagens giravam num movimento frenético. Que barulho infernal! Um capataz recebeu Martin. Seus berros cobriam o estrépito das engrenagens:

- A Rainha quer vê-lo trabalhando no Grande Dispositivo. Vou lhe mostrar o seu posto. Martin, hesitando um pouco, seguiu-o, num misto de entusiasmo e pavor.



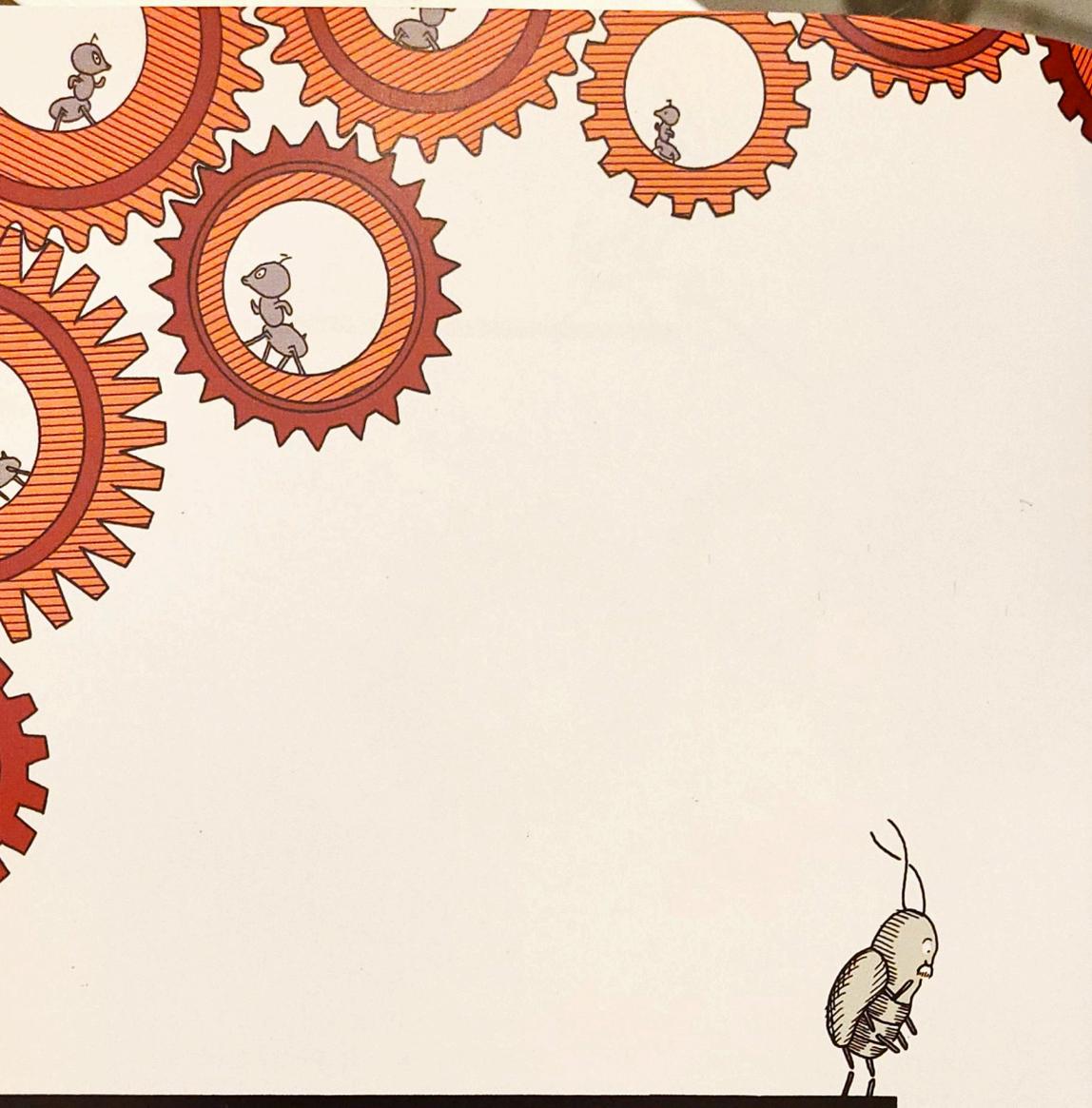




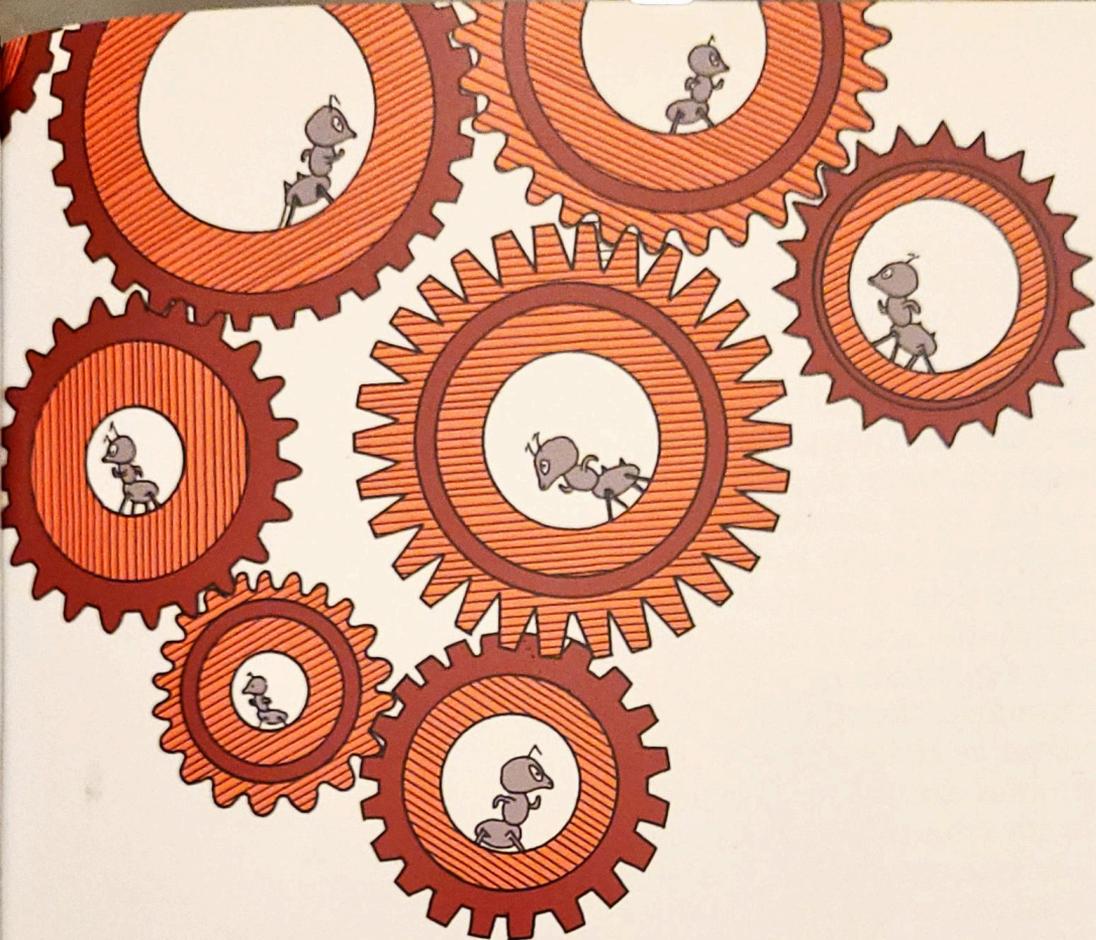
Os dois insetos penetraram no Grande Dispositivo. O espetáculo era impressionante. As incansáveis bestiolas corriam, trocavam ordens, elaboravam projetos, mediam, percorriam e avaliavam o corpo do defunto. Algumas vergavam ao peso de cestos imensos e suas seis patas afundavam no solo.

Apontando uma formiga que parecia esgotada, o capataz disse a Martin:

- Sua missão será motivar os trabalhadores. É preciso manter o ritmo e sacrificar-se pelo formigueiro.
- Mas o que devo fazer? O que dizer?
- Não faça a mínima ideia! Use a imaginação! Diga que devem servir ao formigueiro, pois o formigueiro serve às formigas.



Martin, convém dizer, desempenhou sua função com maestria. Para estimular as formigas a trabalhar, falava do destino do formigueiro e tentava exaltar os sentimentos patrióticos. Tentava inclusive fazê-las compreender que o sentido da existência estava na submissão ao povo e à Rainha. Martin sentia-se útil. Achava que ajudava os outros a encontrar um sentido para sua existência. Um dia, porém, ao visitar as profundezas da fábrica, descobriu a sorte reservada às formigas vermelhas.



Elas eram tão magras que pareciam dançar dentro da própria carapaça. Assemelhavam-se a mortas-vivas.



A partir desse dia, Martin se desinteressou pelo trabalho e terminou por interpelar o capataz:

- Eu queria pedir demissão - disse.

- Aqui ninguém se demite. O que tem a reclamar do trabalho?

- Nada, tudo funciona às mil maravilhas. Minha colônia precisaria de anos para extrair tanta comida! Mas há algo de assustador neste dispositivo.

- O que há de assustador? - perguntou o capataz a Martin.

- Este bom e velho Heidegger está aqui para que tiremos proveito dele. O fluxo do estômago serve para fazer girar a central, que aciona as escavadeiras, que extraem a carne, que é depositada em cestos. O vento serve para carregar as formigas aladas; o solo, para proteger nossas larvas; o cadáver de Heidegger está intimado a nos fornecer carne. As operárias executam seu trabalho e, se um dia alguma delas não for mais útil, será descartada e depois devorada.

Onde está o problema? Este dispositivo nada tem de assustador, ao contrário, assegura-nos um futuro radiante.

- Mas há as formigas vermelhas! Considerar Heidegger uma reserva disponível, vá lá, mas temos realmente o direito de explorar os outros?

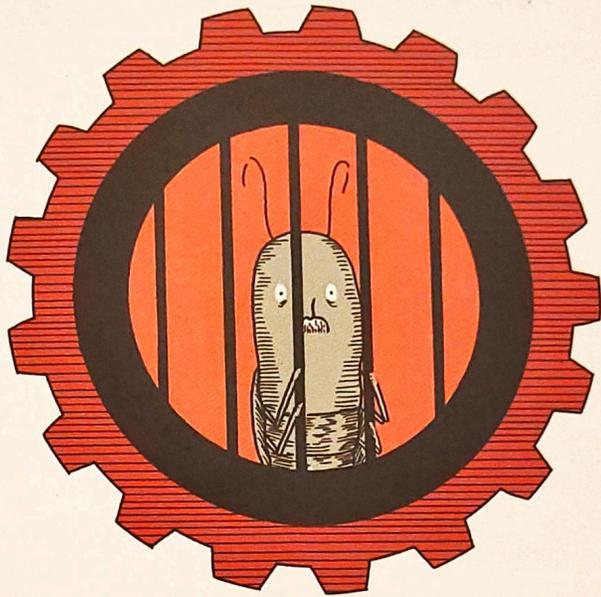
- Todos devem servir.

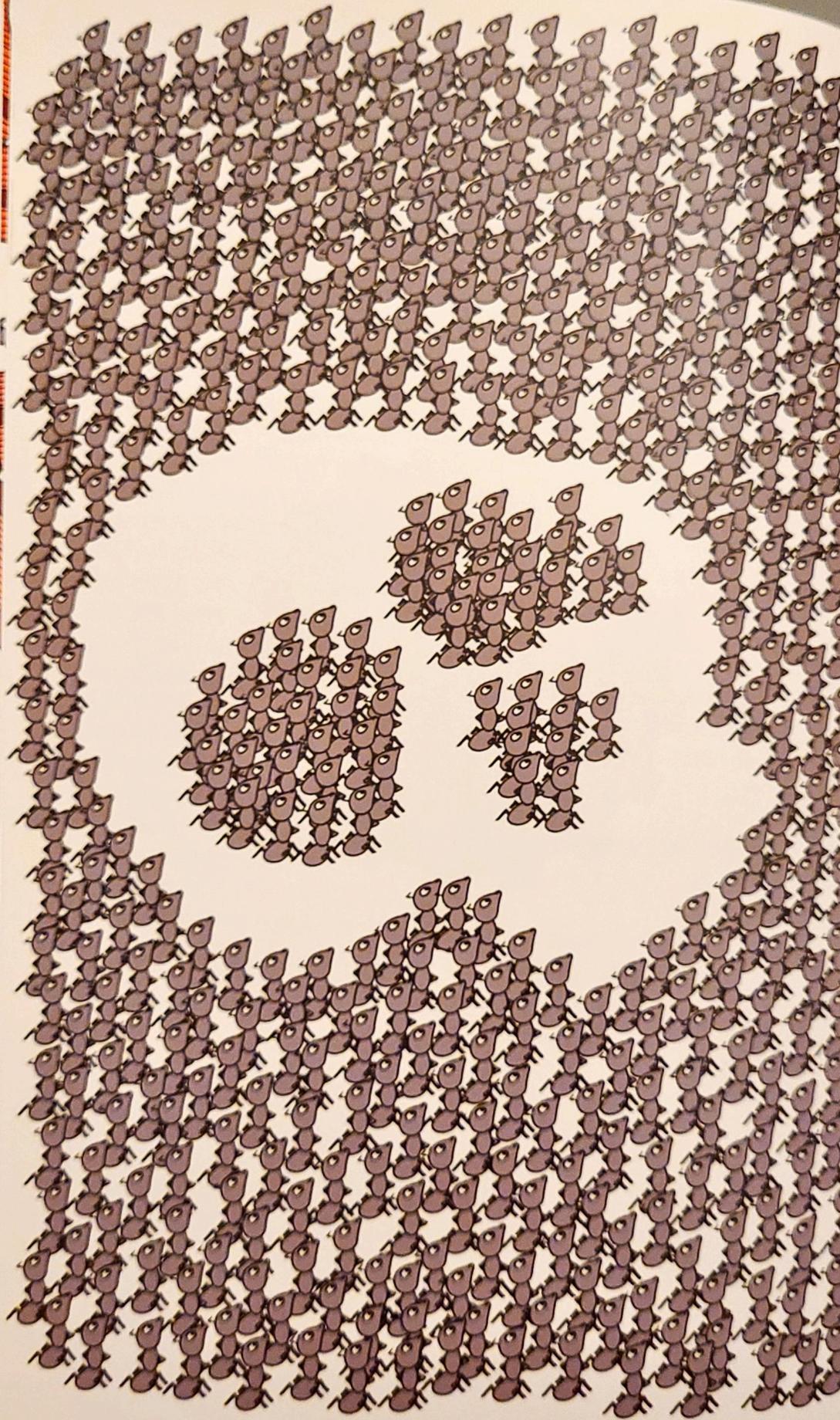
- Mas, no caso, trata-se de um verdadeiro inseticídio! Não vejo sentido nisso!

- Pois bem, é útil para as formigas!

- Não entendo direito a utilidade da formiga...

- Ora, a utilidade da formiga é a formiga, ponto final.







- “A finalidade da formiga é a própria formiga!” Bela resposta! - exclamou Martin. - O senhor me faz pensar naqueles cachorros que ficam correndo atrás do próprio rabo. Girando em círculo.

- Com mil demônios! - irritou-se o capataz, sem saber que resposta dar a esse tipo de afirmação. - Todo mundo faz igual a nós e nós fazemos igual a todo mundo.

- Mas quem disse que todo mundo faz como vocês?

- Todo mundo.

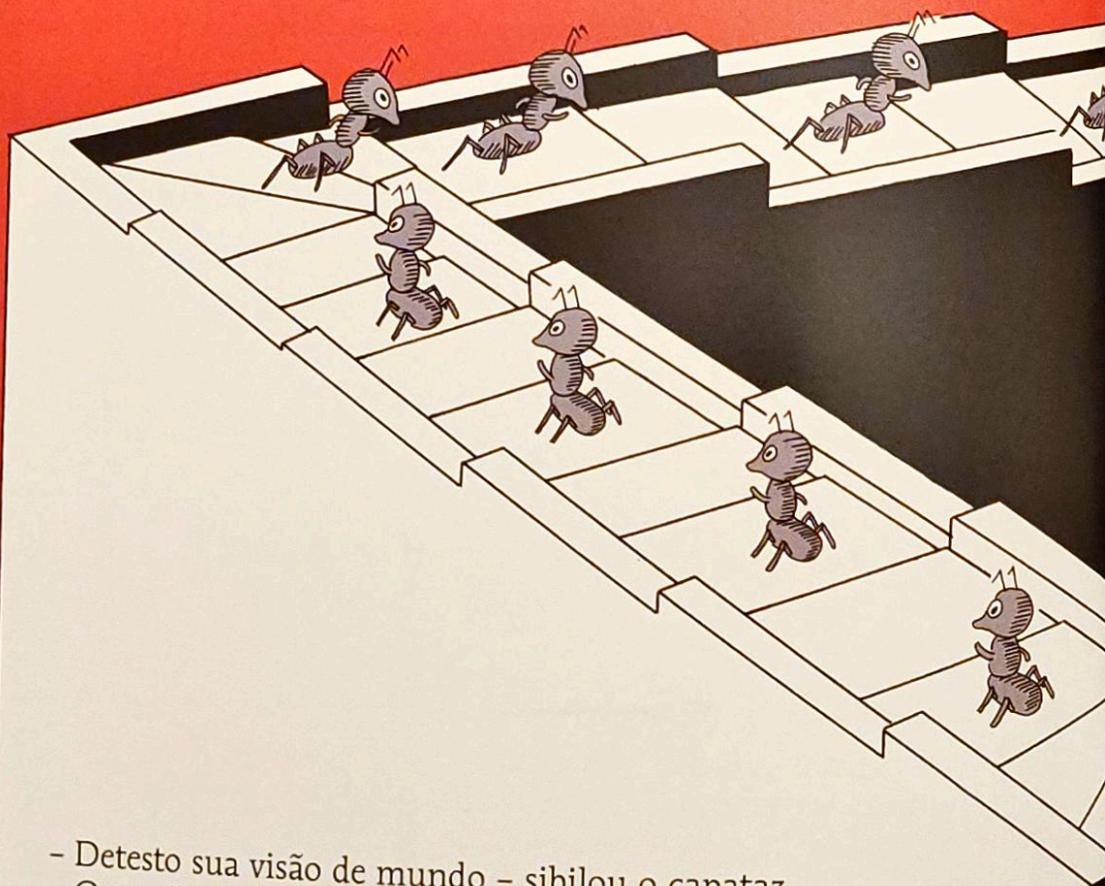
- Mas quem é todo mundo?

- Dizem, só isso. Ouvimos isso em toda parte.

- Pura lorota. E o que lhe dá tanta certeza disso?

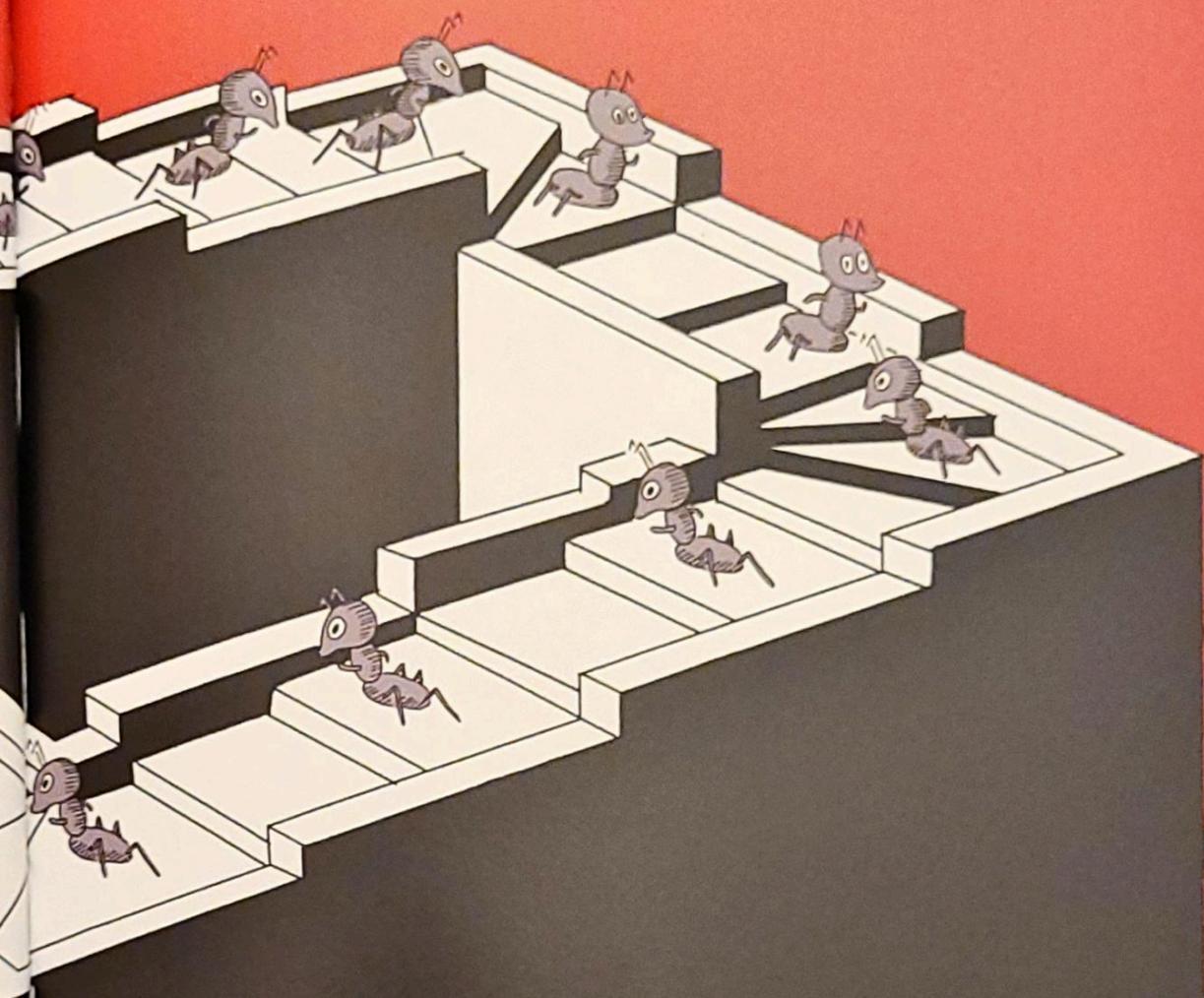
- Cada formiga e todas as formigas ao mesmo tempo. É o que dizem.

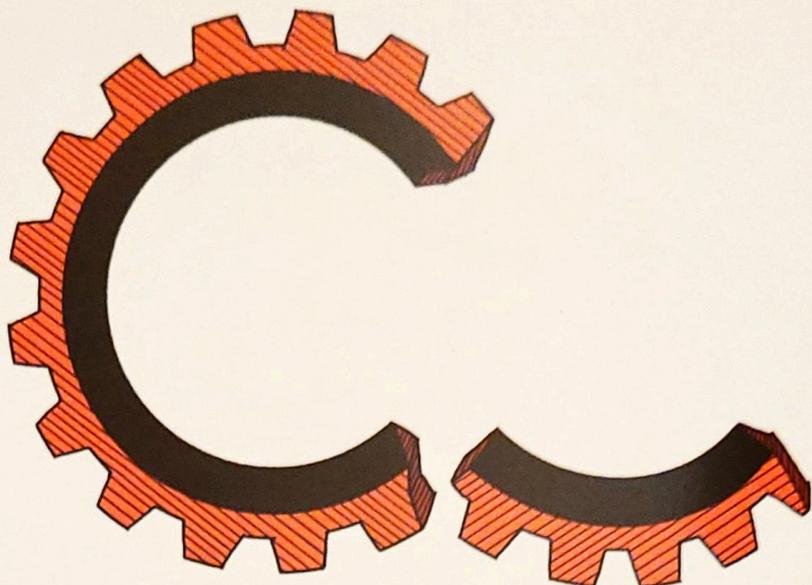
- Mas quem viu o que dizem, quem o doutrinou com essas ideias? Responda! Ninguém! É o boato que corre, é o que se deve dizer para ser bem-visto nos formigueiros. “E as formigas vermelhas isto, e as formigas vermelhas aquilo, e o Grande Dispositivo é engenhoso, e é eficaz, e patati e patatá...” Resumindo, tudo conversa fiada. Todos afetam grandes ideias e isso gera assunto para as conversas, mas, no fundo, são palavras ocas. Se todo mundo acabar agindo como todo mundo, ninguém saberá mais quem pensa o quê! Estou perplexo, mas obedecer aos mandamentos do povo, da rainha e do que dizem por aí, isso não é viver SUA vida!



- Detesto sua visão de mundo - sibilou o capataz.
- Ora, não é uma visão de mundo: não pretendo ser o dono da verdade. Digo simplesmente que os formigueiros seguem um regime muito estranho. Cada indivíduo acha que os demais conhecem a destinação, mas no fundo todo mundo segue todo mundo e avança ao deus-dará. O formigueiro inteiro segue a ditadura do DIZEM. E, se insiste em afirmar que todas as suas ações são utilíssimas, diga-me qual é a utilidade da utilidade!

A barata mal terminou sua frase e o capataz lhe cuspiu um jato de ácido na cara.





Martin pôs-se a corcovear e atirou-se no fluxo de bile. Agarrou-se como pôde a uma cereja em conserva, provavelmente desgarrada de uma parte de floresta negra. Os soldados, alertados pelos gritos do capataz, iam e vinham pelas margens.

A barata se afastou da agitação frenética das formigas. Atracou-se a um pedacinho de rabanete, depois a um caroço de maçã e desviou um pouco na direção de uma velha folha de alface... Navegou no silêncio macio do corpo de Martin Heidegger, para longe da pequena sociedade dos Mirmidões e de seu canteiro de obras ruidoso e rutilante de modernidade, longe do ácido e das ofensas, longe do barulho dos rumores.

Subitamente, seu bote foi capturado por um turbilhão. A correnteza acelerou e Martin foi arrastado; por sorte, antes de ser aspirado, conseguiu agarrar-se à outra margem.

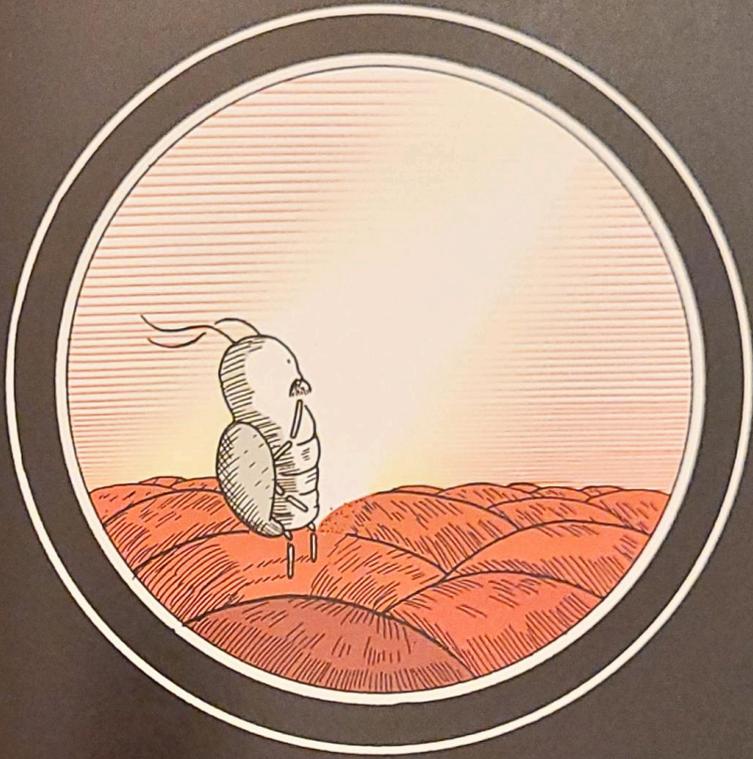


Martin desembarcou. Não entendia como se deixara enganar pela astúcia das formigas. Censurava-se terrivelmente por ter ajudado aquelas fanáticas. Deitado, esperava suas asinhas secarem um pouco.

Encontrava-se sob um céu de vértebras, nas deliciosas pestilências da decomposição: os montes de carne, o sangue ressecado, as células gordurosas e os cipoais de artérias formavam arborescências fantásticas à sua volta.

“Decididamente, tudo o que eu empreendo me afunda numa existência inautêntica! Afinal, o que fazer para ser eu mesmo? Terei de vagar, agora e sempre, em busca de uma resposta?” Enquanto sondava sua consciência e seus erros, ele se embrenhou naquela estranha floresta; prendeu as patas em raízes, bateu com a cabeça em galhos baixos, perdeu-se em zonas penumbrosas. Toda a natureza estava ali, secreta, inútil, monstruosa, quase asquerosa.

Por fim, quando alcançou uma clareira banhada de luz, o mundo se abriu de novo à sua frente.



Que alívio! No centro dessa clareira, um pequeno grupo de vermes se contorcia de modo preguiçoso. Eram cintilantes, magníficos, serenos; seus anéis esfregavam-se uns nos outros silenciosamente. De repente, um deles ergueu a cabeça e perguntou:

- Quem vem lá? Amigo?

O verme cego não sabia para onde se voltar para receber a resposta.

- Amigo - disse Martin.

- Você parece meio ofegante. De onde vem?

- Eu estava no formigueiro, passei momentos terríveis.

- *Para além do perigo, acredite no que salva* - disse outro verme, erguendo a cabeça.

Martin arregalou os olhos.

- Bravo, caro Friedrich - disse o verme ao amigo. - Mas e você - perguntou a Martin -, o que vem procurar aqui?

- Uma resposta à seguinte pergunta: por que estou aqui? Mas duvido que possam me ajudar.

- *A rosa não tem porquê; floresce por florescer, não cuida de si mesma nem pergunta se alguém a vê* - cantou outro verme, aclamado pelos demais.

- Muito bem dito, Silésio!



- Vocês vão me desculpar - disse a barata, irritada com aqueles enigmas -, mas estão embaralhando meus pensamentos! Se não estou aqui para nada, é melhor me jogar na latrina!

Outro verme tomou a palavra:

- *A lucidez é a ferida mais próxima do sol.*

Seus companheiros emitiram um gritinho de admiração:

- Magnífico, René.

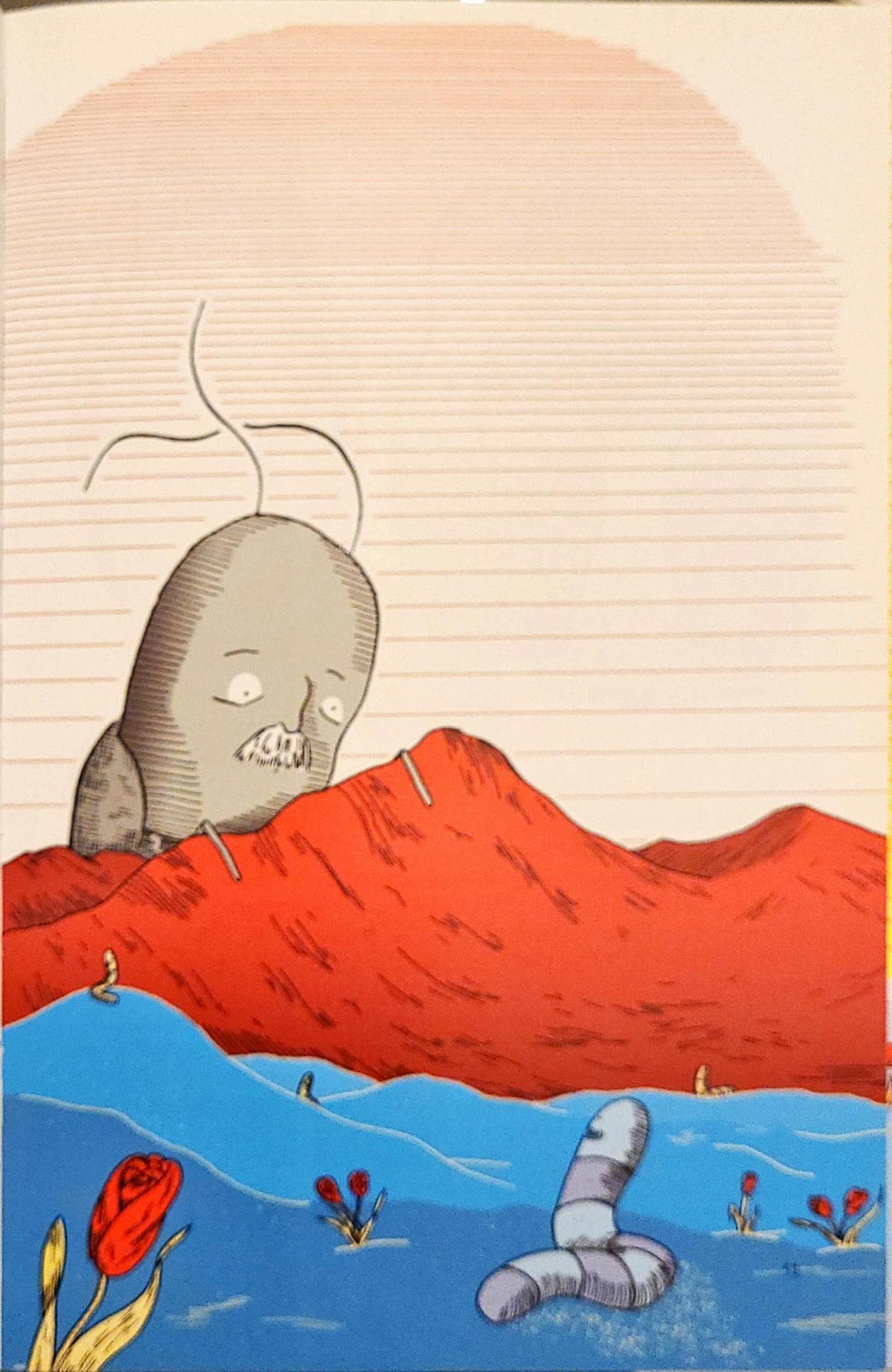
Martin, por sua vez, deu um suspiro.

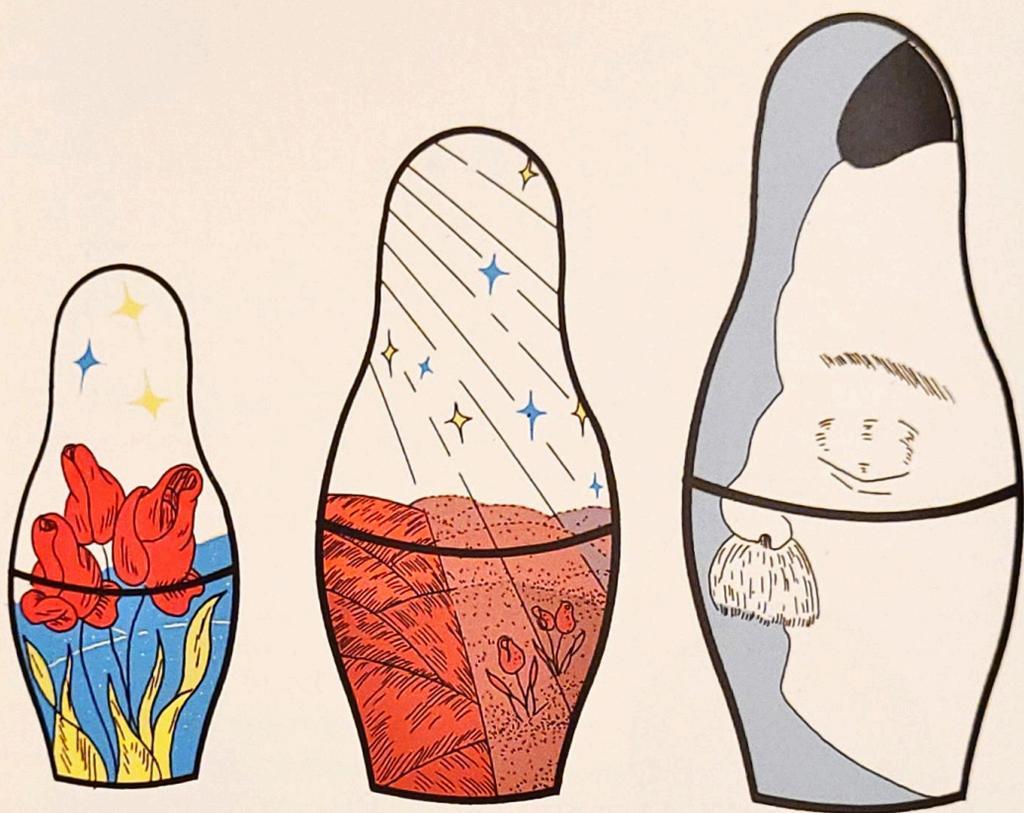
- Nós éramos como você antes de penetrar em Heidegger - afirmou o verme. - Tudo o que fazíamos era nos contorcer e encher a pança, gozar até o completo esgotamento das reservas, depois partíamos novamente às cegas para conquistar outro lanche. Mas aqui aprendemos a ver...

- A ver o quê? - perguntou a barata, esfregando as antenas.

- A maioria das pessoas prefere acreditar que a finalidade da existência é não só servir à sua pátria, sua família, suas economias, como também servir-se, consumir-se.

No entanto, elas sentem um vazio e repetem diariamente: não, existir não se resume a isso. Mas dali a pouco tentam esquecer o que acabaram de dizer.





- Então, em vez de empregar palavras vazias, usadas por todos os que as pronunciam, preferimos louvar o ser que aí está, dizendo, por exemplo: *As flores solitárias eclodem na campina*. Enquanto ouvia essa frase, Martin observava florezinhas cor de sangue desabrochadas e espalhadas pela clareira. Não prestara atenção nelas e, no entanto, estavam ali antes de sua chegada.

- Veja essas flores - continuou o verme -, elas não estariam aí sem a clareira. Você pode agradecer ao corpo de Heidegger por estar aqui, pois, sem ele, você não teria visto a clareira; agradecer igualmente ao cemitério, pois, sem ele, o corpo não teria encontrado abrigo; e, sobretudo, agradecer ao outro abrigo, o mais vasto, pois sem ele você não teria visto absolutamente nada.



- A que abrigo se refere?

- Pois bem... ao mundo!

- Mas não posso vê-lo nem dizer o que ele é - murmurou Martin. - Como lhe agradecer?

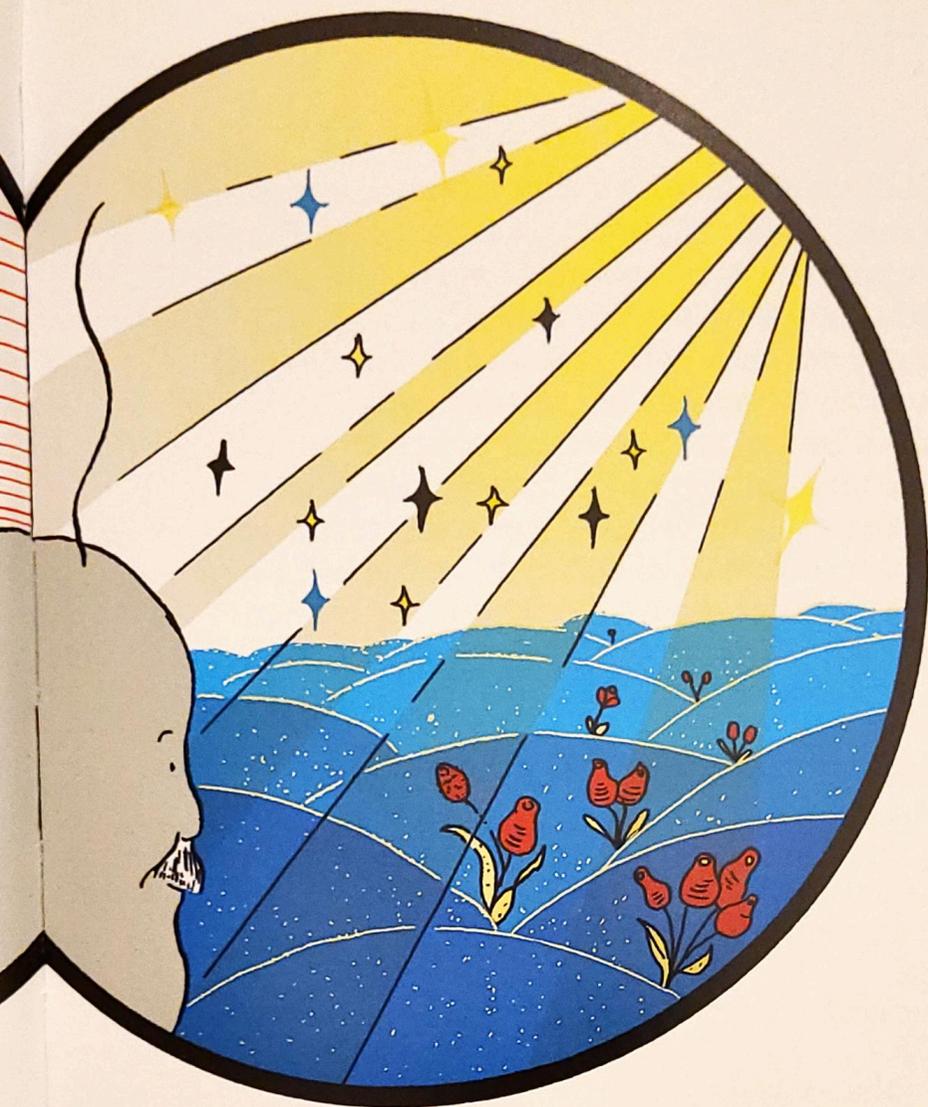
- Você está nele - sussurrou o verme num tom malicioso. -

O mundo brilha pela ausência. Você não o vê, não o escuta, não o sente, e, no entanto, ele acolhe tudo o que você vê! Ele ordena que você encontre as palavras para exprimi-lo. Eis o que temos de fazer: habitar poeticamente o mundo.



- Mas isso não faz sentido! - disse Martin, um pouco inquieto.
- Encontrar as palavras para exprimir o mundo, se ninguém pode vê-lo ou ouvi-lo, isso não tem fim!
- Faça silêncio, observe e ouvirá seu apelo.
- *A cabeça trilha a galáxia do absurdo* - cantarolou René, antes de voltar a mergulhar entre seus pares.

Martin estudou demoradamente as abóbadas heideggerianas. Nelas, ainda não enxergava senão comida, e perguntava-se quantos quilos havia ali, quantas colônias poderiam ser alimentadas por aquela reserva. Em seguida, procurou discernir não só aquilo que era simplesmente útil. Então, de repente, viu!



Um mundo mais rico se abriu para ele. Ele percebeu os arabescos de sombra e luz, sentiu as reentrâncias e os montículos no solo. Era belo um Heidegger quando se tinha tempo de observá-lo não mais como um banquete, e sim pelo que ele era... Uma verdadeira paisagem de montanha, com seus desfiladeiros, cumes e vales. Seus tendões pendendo como cipós. Era isso que teria de ser mostrado às formigas, tão indigentes de mundo. Seria preciso arrancá-las de sua fábrica e levá-las para fazer um passeio de barco, de esqui ou simplesmente a pé.

Ele continuava a olhar e observava que as vértebras formavam um andaime branco, dando suporte a uma carne semelhante a um céu de tempestade riscado por relâmpagos. Martin nunca dera muita atenção a isso. No entanto, era preciso ver, era verdade que era belo. Pois, para quem sabia observar as coisas, a carne não era apenas um salame raspado pelo Grande Dispositivo ou um território a ser conquistado; ela tinha uma forma, uma cor, um sabor, mas também certo peso, certa umidade. Ela fazia barulho, seus gases crepitavam e cheiravam, seu odor confundia-se com o da terra, e nessa sutil mistura fluava o perfume das roupas em decomposição: em suma, o mundo inteiro revelava-se discretamente num corpo, por mais que o deixássemos de utilizar.

- Faltam-me palavras para exprimir o que sinto - disse a barata com sua voz rouca. - Sinto-me transbordado, estilhaçado em direção a alguma coisa que não apreendo. - Isso é existir, meu amigo!

Martin franziu as meninges. Contemplou tudo o que a clareira oferecia:

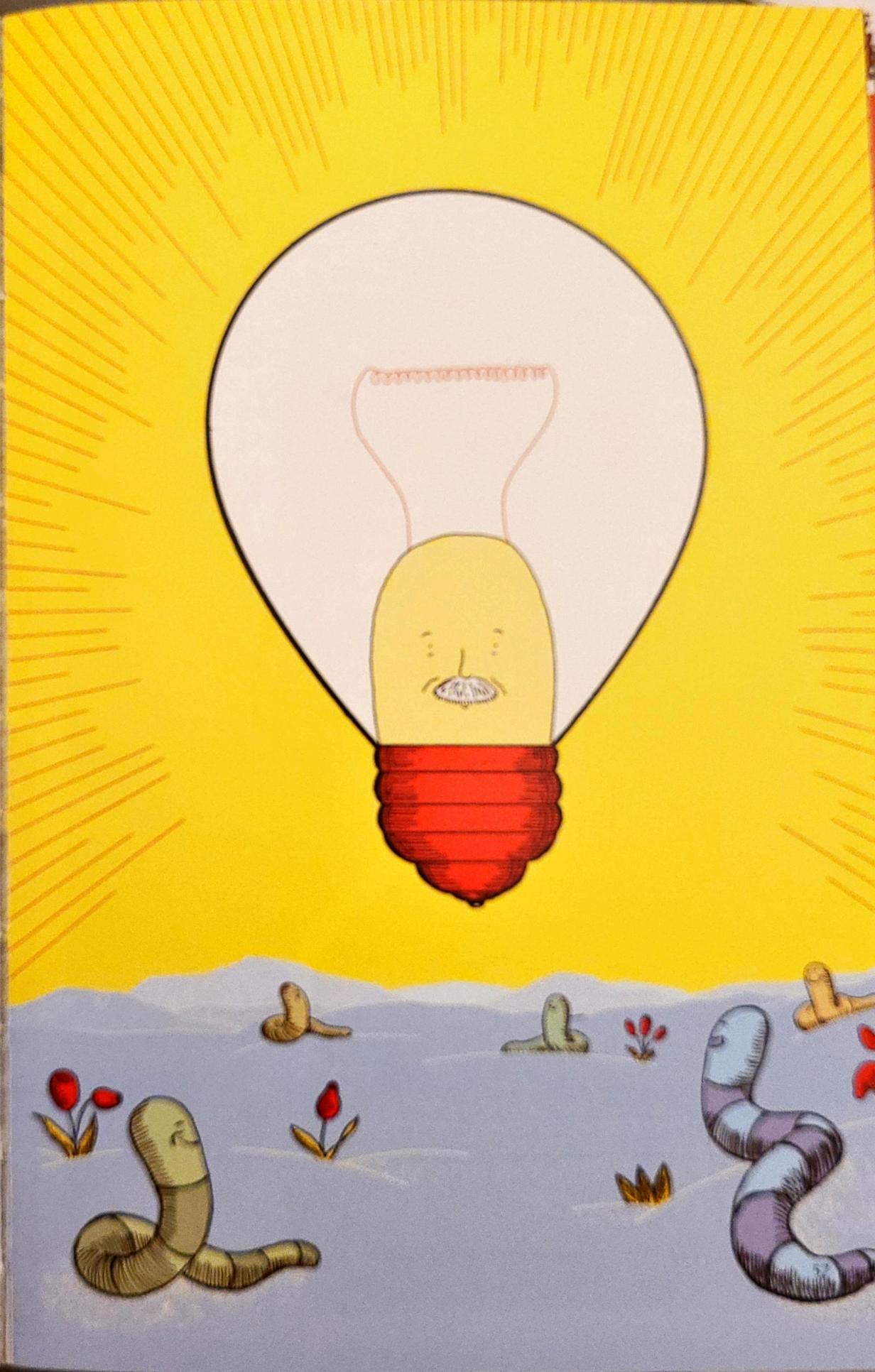
- *A carne tem reflexos violetas* - disse, após um longo instante de recolhimento.

- Nada mal! - falou o verme, rindo.

- *As raízes fazem cócegas na arca da terra.*

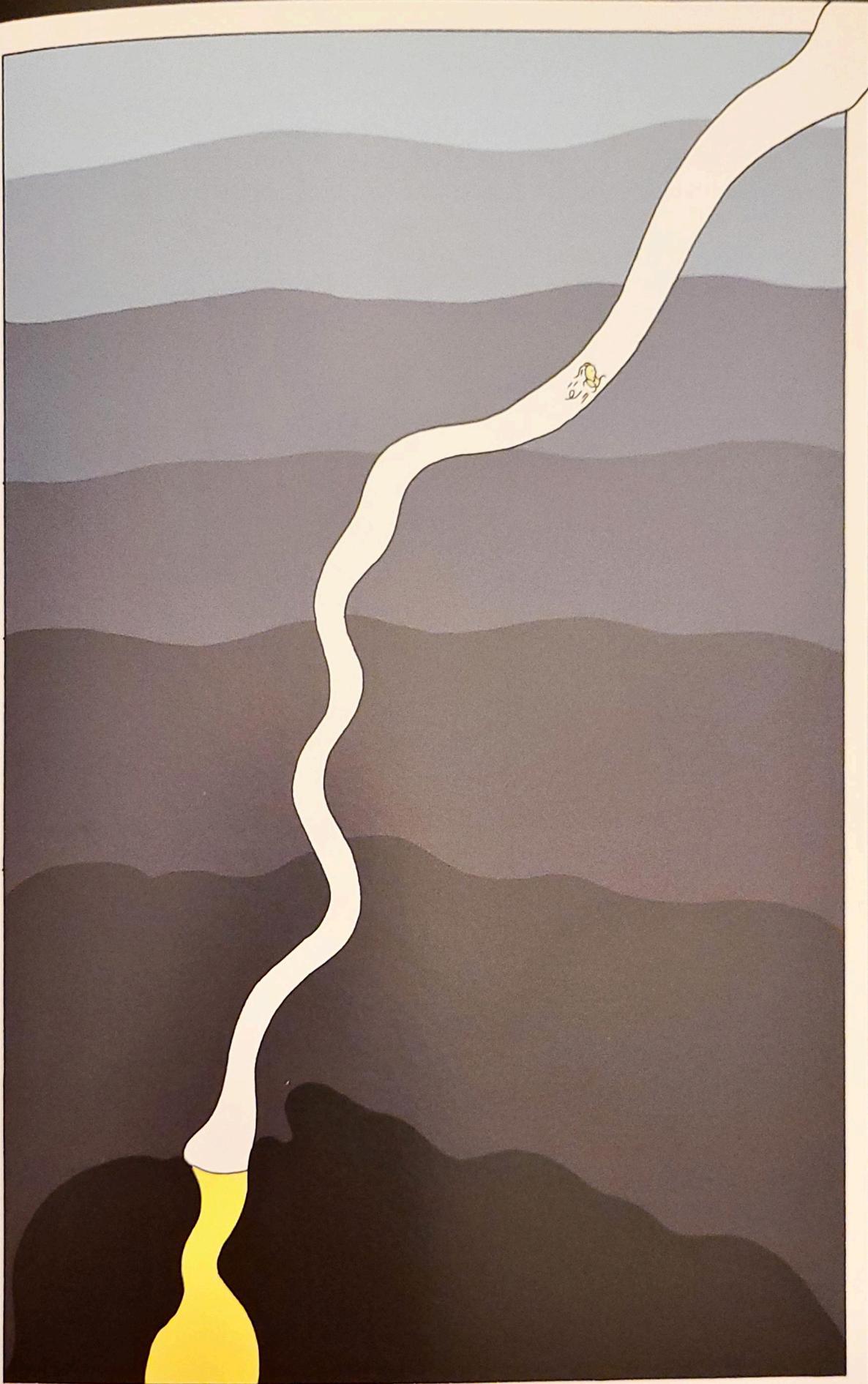
- Cada vez melhor!

- *A cabeça de Heidegger de seivas viscosas!* Como é estimulante se superar! - exclamou Martin. - Isso muda a rotina do pensamento único.

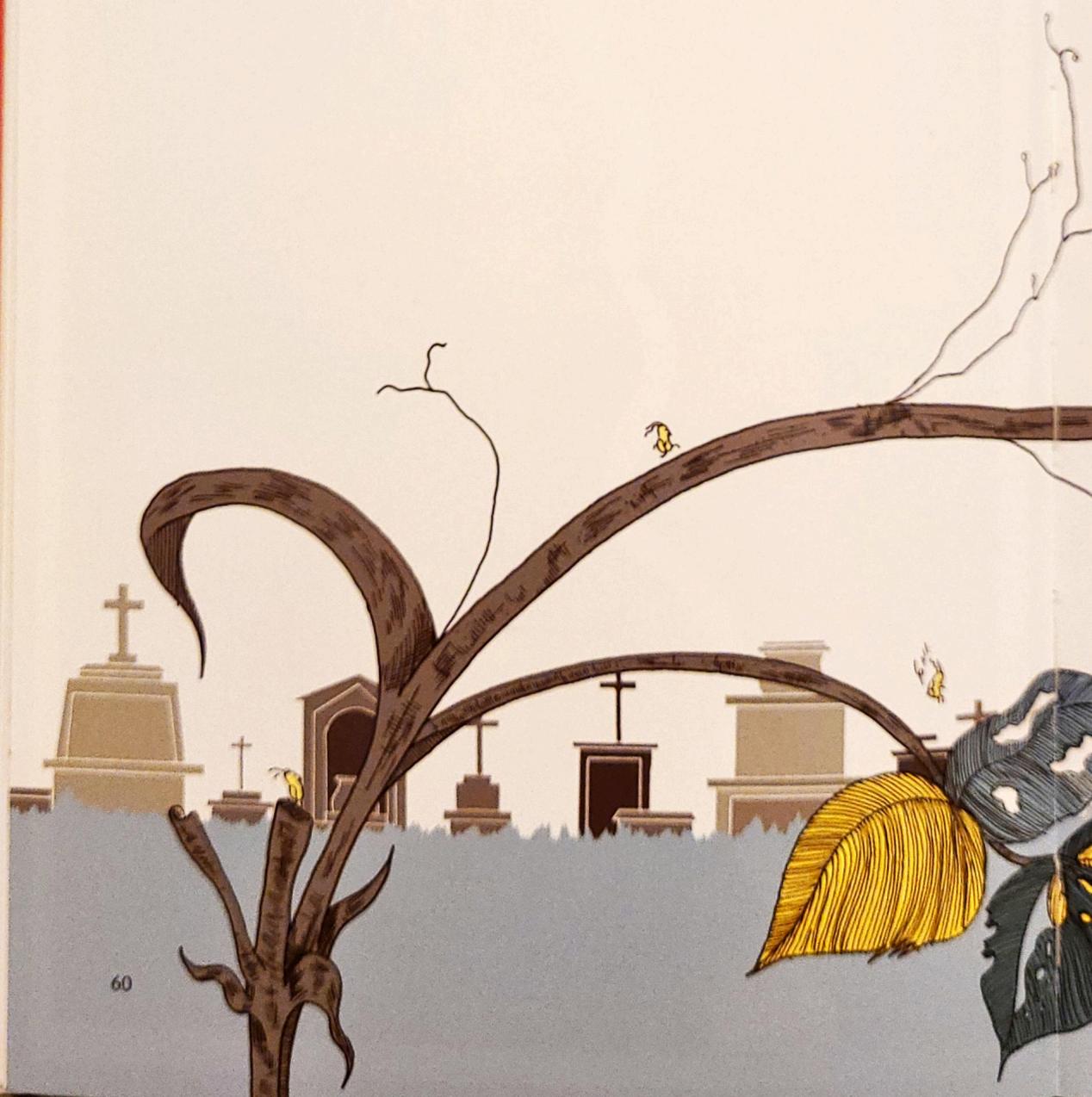


Martin agradeceu aos brilhantes mensageiros antes de se embrenhar mais fundo nas reentrâncias do cadáver. Visitou todas as suas regiões. Ele, que acreditava que existir era andar às cegas, compreendia agora que na realidade se tratava de um passeio. Ao chegar às imediações do rim, pôs-se a contemplar os reflexos da carne, apreciando seu cheiro acre, a cor púrpura. Todas as coisas que ele via, sentia e ouvia eram diferentes e, no entanto, ele sabia que elas tinham um ponto em comum, pois estavam aqui, no mesmo mundo.

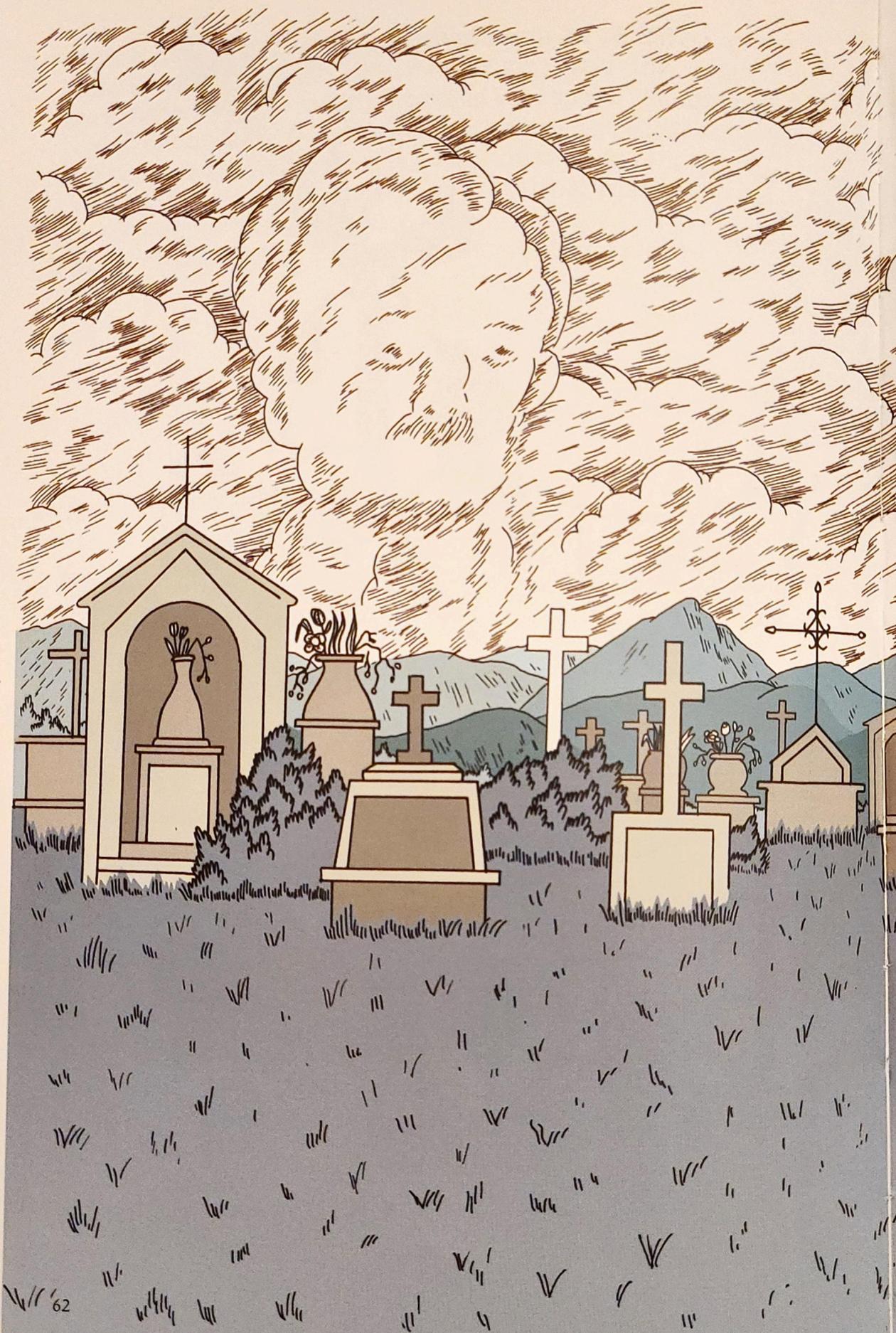
- Se devo encontrar uma resposta, é preciso que esse ponto comum seja diferente de todas as coisas, caso contrário ele seria uma coisa entre outras. Como chamar essa diferença que permite às coisas estarem presentes, embora ela mesma não possa estar presente? Essa dimensão que me escapa, que jamais verei, jamais ouvirei, jamais tocarei, jamais conseguirei nomear perfeitamente e que, no entanto, se faz ouvir e me chama, como nomeá-la? O que permite dizer a respeito das coisas que elas são isto ou aquilo é a fonte de tudo que é presente e posso sem dúvida chamá-lo de ser.



- Eis o sentido da minha existência: expor a questão do ser e dela nunca sair, evitando dar respostas para a finalidade da existência, como faziam a Rainha e o capataz. Por que as coisas estão aqui? Qual é a finalidade da minha existência? Obras imensas por empreender e impossíveis de concluir antes de morrer. Que angústia, que angústia! Mas... *A alegria de viver me estremece feito um trovão.*
Vou correndo contar a minha descoberta para Epicuro!







Na superfície, a viúva de Heidegger não acreditava em seus ouvidos. No silêncio daquele jardim dos mortos, uma vozinha teria cantado, espantadíssima consigo mesma: "Radiante"?



© 2014 Martins Editora Livraria Ltda., São Paulo, para a presente edição.

© Les petits Platons, 2011.

Esta obra foi originalmente publicada em francês sob o título

Le cafard de Martin Heidegger.

Design: Yohanna Nguyen

Publisher *Evandro Mendonça Martins Fontes*
Coordenação editorial *Vanessa Faleck*
Produção editorial *Susana Leal*
Preparação *Lara Milani*
Diagramação *Casa de Ideias*
Revisão *Juliana Amato*
Renata Sangeon
Ellen Barros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marchand, Yan

A barata de Martin Heidegger / contado por Yan Marchand ; ilustrado por Matthias Arégui ; tradução André Telles. São Paulo : Martins Fontes - selo Martins, 2014.

Título original: *Le cafard de Martin Heidegger.*

ISBN 978-85-8063-150-0

1. Contos - Literatura juvenil I. Arégui, Matthias . II. Título.

14-04096

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

Martins Editora Livraria Ltda.

Av. Dr. Arnaldo, 2076

01255-000 São Paulo SP Brasil

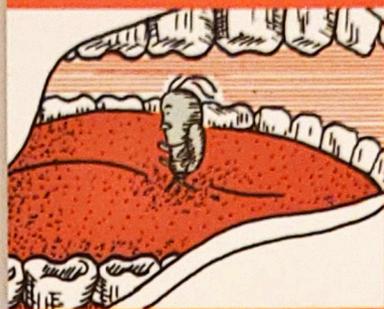
Tel.: (11) 3116 0000

info@emartinsfontes.com.br





Doutor em Filosofia e escritor, **Yan Marchand** mora em Brest, cidade cuja arquitetura, segundo ele, oferece a imensa vantagem de ensinar a morrer.



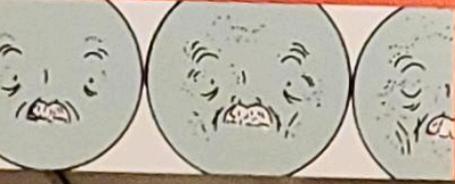
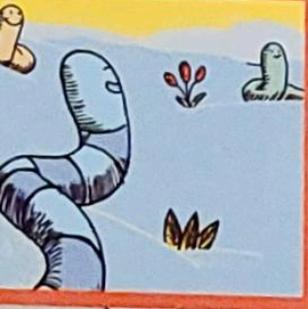
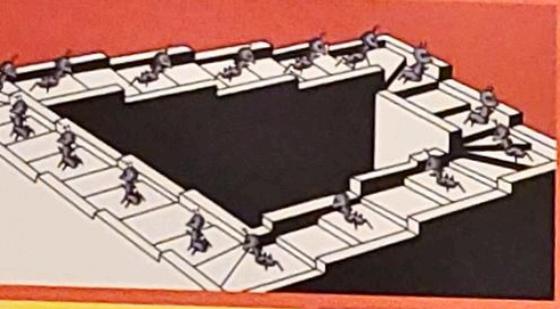
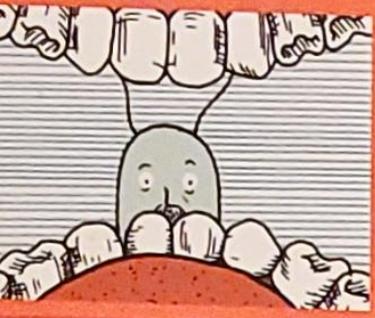
Formado em ilustração na Escola Superior de Belas Artes, **Matthias Arégui** vive em Lyon, onde desenha muitas baratinhas.

Outros títulos da coleção **Pequeno Filósofo**:





Uma pequena barata angustiada chamada Martin perambula sem destino pelo cadáver de Heidegger. Às margens do rim, num universo de vértebras e carne povoado por formigas fanáticas, máquinas enlouquecidas e vermes poetas, quem saberá lhe dizer por que ele existe?



ISBN: 978-85-8063-150-0



9 788580 631500